ANO 19.º QUINTA-FEIRA, 29 DE JUNHO DE 1939 N.º 5963

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Cristão sómente

O sr. dr. José de Arruela, que ainda se encontra no hospital de S. Luiz, em convalescença, enviou-nos, acompanhando-a das palavras dignas e necessarias, a carta que recebera, após o seu regresso do Brasil, do dr. Antonio José de Almeida, patriota e republicano duma fé irrompivel.

Sabemos que a sua leitura despertou o maior interesse, por nos descobrir uma faceta ignorada do tribuno popular. Ser ou não religioso é uma escolha decisiva em que se empenha uma vocação e um destino. Consta-nos que Antonio José de Almeida sentiu isso mesmo, quando disse:

—Sempre cristão, mas ainda estranho ao catolicismo.

Nesta marcha para a verdade integral, até que ponto ascendeu o seu pensamento?

Nada podemos afirmar nem sequer conjecturar. O que é certo, inteiramente certo, é a qualidade da sua alma—tolerante, generosa e bondosa. Deus perdôa aos justos...

Ao sr. dr. José de Arruela, amigo muito querido, escritor e jornalista com pergaminhos, coração alanceado por uma dôr que nunca acaba, os nossos cumprimentos e agradecimentos cordeais.

Diplomacia

Tomou posse do seu novo lugar de director geral dos Negocios Politicos e Diplomaticos do Ministerio dos Estrangeiros o sr. José da Costa Carneiro, que desde 1911, e em carreira ascendente, tem exercido alguns cargos importantes da nossa diplomacia no estrangeiro, nomeadamente o de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario em Toquio, Oslo, Praga, Viena e Budapeste.

Funcionario muito distinto, servido por um espirito brilhantissimo e por uma cultura aprimorada, o sr. José da Costa Carneiro ascende a um posto de responsabilidade no Ministerio dos Estrangeiros por direito proprio.

Afectuosamente o cumprimentamos.

Na legação da França

O ilustre diplomata sr. Amé Leroy e sua esposa ofereceram ontem nos jardins e salões da legação da França uma festa encantadora—o «Baile das Flores»—á qual concorreram centenas de convidados. A iluminação dos jardins era surpreendente e obedecia a um belo sentido artistico. Duas orquestras tocaram sem cessar e dançou-se animadamente até de madrugada, depois de ter sido servida uma finissima ceia nos salões e nos jardins. Foi uma das mais lindas festas mundanas dos ultimos tempos.

Lisboa

Termina em dezembro o prazo da entrega dos livros destinados ao concurso aberto pela Camara Municipal para adjudicação do «Premio Castilho» á melhor obra publicada, em 1939, sobre Lisboa.

ESTATUAS

Projectam-se três monumentos—o de D. Afonso Henriques, o do Infante D. Henrique e o de Sidonio Pais. O primeiro, no Castelo de Lisboa, o segundo, em Sagres, e o terceiro, numa praça que ainda não está designada.

Os povos que amam as artes e honram os varões ilustres não se contentam com as narrações da historia, os elogios academicos, os poemas e os quadros, ou os discursos que os louvam, pois querem continuar a *vê-los*, para além da morte.

As estatuas são uma maneira de prolongar, na admiração dos posteros, a presença dos que serviram exemplarmente uma patria, uma causa, uma doutrina ou uma virtude.

Guimarães orgulha-se com o soberbo bronze de Soares dos Reis que representa o fundador da Nacionalidade, na atitude belica de quem conta com o seu valor e o seu genio para ligar secularmente a um territorio as esperanças imortais das gerações vencedoras.

Angola reconhece no Conquistador não só o fundador de Portugal, mas tambem o homem que, traçou, antes do tempo proprio, os inabalaveis alicerces do Imperio. Propõe-se elevá-lo á categoria de seu padroeiro, erguendo-lhe, em Luanda, um marmore perene e glorioso.

Lisboa, a-pesar de lhe competir a parte maior na obrigação comum da gratidão nacional, ainda vacila, embaraçando-se com questões de «lana caprina», em vez de pagar pontualmente ao heroi o tributo que lhe deve. D. Afonso Henriques não é um rei qualquer, um acaso do nascimento, antes um guerreiro e politico de genio que adivinhou, na perspectiva dum sonho pulcro, a grandeza historica duma raça.

Porque nos demoramos em situá-lo, no topo heraldico da cidade, como guarda vigilante duma obra que se renova com o sangue e a alma da mocidade infinda?

Quanto ao Infante D. Henrique, o caso não é menos serio, nem menos digno de atenção. Fizeram-se dois concursos em que um juri rigoroso e escrupuloso se votou á escolha do projecto que consagrava, na totalidade do seu pensamento épico e cientifico, a empresa lusiada das Navegações. Ao dr. Reinaldo dos Santos ouvimos nós dizer, apontando para as quinze *maquettes* expostas, no amplo *hall* do Palacio das Exposições:

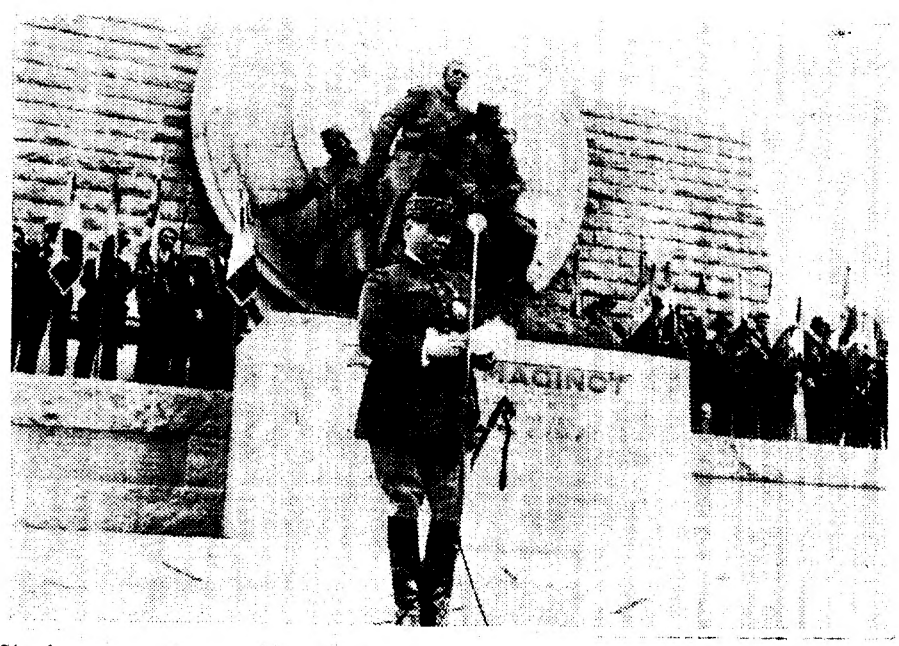
—Mesmo que o monumento se não construa—e oxalá que tal suposição seja vã!—basta este concurso para demonstrar que a arte nacional corresponde ao que todos nós esperamos dela.

Desconhecemos se o ultimo projecto aprovado, concebido com singular arrojo e inspiração, alguma vez sairá do Limbo ou se quedará sepulto no eterno olvido. Entendemos, porém, como português e jornalista que se bateu devotadamente por uma iniciativa patriotica, que Sagres não pode continuar a ser a solidão absoluta da terra, do mar e do céo onde desabrochou a semente do mundo moderno.

E' necessario animar o Promontorio, talhado em rocha viva e vertical, com a figura extraordinaria que o arrancou á luta dos elementos, criando nele ardôr e extensão épica para o drama ardente dum povo eleito.

Se Lisboa tem levantado estatuas a vultos notaveis, mas nenhum deles comparavel ao Conquistador e ao Navegador, como se explica que estes dois fiquem para o fim, retardados e desfavorecidos, negando-se-lhes o espaço indispensavel—eles que nos adquiriram, aquele, um reino e este, o mundo—para que a sua gloria entre mais intimamente, sob o bronze votivo, na nossa adoração cotidiana?

A VITORIA DE VERDUN



Verdun comemorou ha dias o 23.º aniversario da vitoria, com diversas cerimonias a que presidiu o general Gamelin. Vêmo-lo aqui diante do monumento erguido á memoria de Maginot, pronunciando um discurso

Prevenindo

Muito se tem feito no plano de alumiamento e assinalamento maritimo em Portugal, mas o que se faz, sendo muito, não isenta completamente de perigos a navegação nas costas de Portugal, sujeitas a temporais e a nevoeiros, dos quais têm resultado sinistros, que, em forças humanas, não cabe citar.

Assim se apura do preambulo de um decreto publicado hoje, e que acrescenta: «O serviço de socorro a navios em perigo não pode deixar de ser breve, em respeito a elementar principio de humanidade».

Contudo, e porque não existe no porto de Lisboa rebocador de alto mar, capaz de arrostar grossas vagas e fortes ventos, saindo e entrando a barra com qualquer tempo—o governo intervem, e dá á Administração do Porto de Lisboa a faculdade de promover a construção de um navio de potencia e de largo raio de acção, e que será levada a efeito após concurso entre casas portuguesas.

Oh gloria de mandar!

O sr. dr. Augusto Frazão Etur, numa carta sua que ha dias publicámos, confessa que o Pinhal de Leiria foi mais util á nação que todas as suas vitorias. Contra isto protesta o sr. tenente Eurico de Oliveira Pinto e nós não podemos deixar de lhe dar razão.

Antes do pinhal, existiam já as vitorias e as que depois se ganharam avaliam-se não tanto pela madeira das naus como pelo valor dos homens que as tripularam e comandaram.

Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral não eram de «pinho», como os navios do seu comando, mas almas iluminadas e destemidas que se enfrentavam com o perigo.

A palavra

A guerra entre a China e o Japão não é «oficial», as relações diplomaticas entre os dois paises não foram rigorosamente suspensos, o governo inglês não reconhece o estado de guerra.

Juridicamente a guerra não existe. Não o entendem assim os tribunais ingleses, que, ha dias, numa questão maritima entre uma companhia inglesa e outra japonesa, pleito que girava á volta de um contrato que seria cancelado se o Japão entrasse em guerra, sentenciaram deste modo: «a palavra «guerra» deve ser considerada num sentido lato; qualquer entidade comercial provida de algum senso comum sabe que ha guerra de facto entre o Japão e a China».

O orbe esgotado

O sr. Guerra Maio, nosso amigo e colaborador, reclama para si a honra de ser o português mais viajado. Em carta que nos escreve de Paris defende os seus pergaminhos:

—Esgotei o universo, pois tenho corrido Seca e Meca e não ha mais paises que eu possa visitar.

Eis um caso bem curioso—um homem que precisa de mais mundo para se distrair.

Vida mundana

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Marquesa de Lavradio, condessa de Margaride, viscondessa de Landal, viscondessa de Marco, D. Carolina Ferreira Pimenta Bahr, D. Maria Georgina de Almeida Lima Oom, D. Carmen Morimont Machado, D. Maria Xavier de Melo Queiroz, D. Maria das Dores Rosa da Costa, D. Maria Augusta de Melo Lobo da Silveira de Novais e Ataide.

EM VIAGEM

Em viagem de recreio partiram para Londres os desportistas srs. Manuel Geraldes e Manuel Alemão.

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129-r/c

BOLSA DE LISBOA

29 de Junho

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4 T. 10.	915$50	—	935$50
Consolidado 4 °/o T. 10.	981$00	980$00	982$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.018$00	1.017$00	1.020$00
Consolidado 4 3/4 T. 10.	1.130$00	—	—
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.043$00	1.041$00	1.043$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10	—	—	—
Externas 1.ª série	—	—	1.624$00
Externas 1.ª carimbadas	1.667$00	—	1.667$00
Externas 3.ª série	1.665$00	—	1.665$00
Externas 3.ª carimbadas	1.775$00	—	1.775$00
Cautelas da 3.ª serie s/j.	150$00	148$50	150$00
Acções			
Esp.S.º e Com. Lx.ª port.	—	—	—
Lisboa e Açôres port.	—	343$50	—
Ultramarino cp T. 10	—	—	—
Portugal port. T. 5	1.000$00	995$00	1.010$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	—	—
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Aguas Lisboa port.	—	—	—
Aguas Lisboa 1934 T. p.	—	—	—
Aguas Lisboa 1936 T. p.	—	—	—
Cervejas Estrela	490$00	490$00	492$00
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria T. p.	—	365$00	370$00
Credito Predial	—	8$50	9$20
Gás e Electricidade	238$00	237$50	238$50
Alto Alentejo 1.ª[2.ª em.	295$00	290$00	300$00
Alto Alentejo 3.ª[4.ª em.	—	—	295$00
Industria Aliança	—	—	—
Portugal e Colonias	88$00	87$90	88$00
Nacional Navegação T. p.	155$00	154$50	156$00
Colonial de Navegação	—	50$00	58$00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
Ind. Farmaceutica	—	—	—
Portuguesa de Tabacos	360$00	359$00	360$00
Tabacos de Portugal	—	263$00	275$00
União Electrica Portug.	184$00	183$50	184$00
Cassequet	233$50	233$00	235$00
Agricola das Neves	—	140$00	152$00
Agricultura Colonial	112$00	111$00	115$00
Açucar de Angola	389$00	389$00	389$50
Buzi 1.ª emissão T. p.	—	45$00	45$50
Ilha do Principe	—	160$00	161$00
Zambezia T. 25	13$50	13$40	13$90
Obrigações			
Norte de Portugal 5 °/o	105$50	105$00	106$50
C. P. 6 °/o	193$00	192$00	193$00
C. P. 6 °/o Beira Baixa	194$00	192$00	194$00
Aguas Lisboa 4 1/2 cp.	—	84$00	85$00
Prediais 5 °/o 1935	—	84$50	85$00
Prediais 5 °/o 1937	—	84$00	85$00
Prediais 6 °/o 1932 1.ª	—	91$00	—
Prediais 6 °/o 1932 2.ª	—	90$50	91$00
Prediais 6 °/o 1934 1.ª 3.ª	—	90$50	91$00
Prediais 6 °/o 1934 4.ª[6.ª	—	90$50	92$50
F. N. I. Moagem 5 °/o T. p.	925$00	—	—
União Elect. Port. 5 °/o	—	109$00	110$00
União Elect. Port. 6 1/2 °/o	—	113$00	113$50
Buzi 5 1/2 °/o T. p.	115$50	115$50	116$50
Buzi 6 1/2 °/o T. p.	—	115$00	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO, 6

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$17	110$19
New-York	23$51,2	23$55,9
Paris	$62,2	$62,4
Berlim	9$43,4	9$45,3
Madrid	2$60,5	2$61,0
Amsterdam	12$48,3	12$50,8
Bruxelas	3$99,7	4$00,5
Roma	1$23,6	1$23,8
Zurich	5$29,9	5$30,9
Rio de Janeiro	1$14,6	1$14,8
Libra ouro	—	—

RETIRO DA SEVERA Telefone 25979
Noite de S. Pedro — Na Esplanada
Hoje programa de fados, guitarradas e baile animado por uma Orquestra Jazz.
Jantares ao ar livre a 12$00.
Sabado, 1: Exibição da
Marcha do Bairro Alto
37 figuras, 10 marcações, 45 minutos de exibição.
Sabado, 8: Festa de Alfredo Méca — Grande Parada de Artistas — Reserve a sua mesa.

VERBENA DE SANTA CATARINA
(aos Paulistas) Tel. 2 5676
Hoje: Margarida Pereira, Domingos Silva, Manuel Pereira e solos e variações por Pais da Silva e Fernando Freitas. Baile e diversões.

Quinta-feira

por Norberto de Araujo

Carta a Maria Isabel

«Maria Isabel: *Ia a nossa conversa no auge do interesse, e entrava no ritmo amavel da franqueza—aquele ponto espiritual em que duas pessoas se dão a si proprias a impressão de que se conhecem desde crianças—quando nos separámos. Vi-a desaparecer na gare, ao lado de sua Mãi, «não fosse a sua Mãi perder-se»—lembra-se da frase?—; distingui, da minha janela da carruagem, ainda o comboio parado, o seu chapeu branco muito no alto da cabeça, a irromper da confusão dos grupos fora já da estação, depois meter-se na camioneta, e—mais nada.*

Sei que se chama Maria Isabel por que assim a tratava sua Mãi: «não é bem, assim, Maria Isabel...».

A Maria Isabel conhece-me e não me conheceu. Eu esperava chegar ao Rossio para lhe dizer: «sou o tal senhor que...».

Aproveito já para lhe revelar que a tal «Novela do Amor Humilde», ao contrario do que julga Maria Isabel, que teve a felicidade de não ser mulher de letras, e por consequencia ignora certas subtilezas e certas sinceridades de quem trabalha literatura—não dispensou modelos. Sucede simplesmente que esses modelos, e assim sucede aos escultores, não são «integrais». O caracter é duma, o espirito é de outra, o fisico ainda de outra.

Mas vamos á conversa interrompida; sei que esta «Pagina» lhe ha-de chegar á leitura, visto que se referiu a algumas, ainda recentes, já do formato de «meias paginas». Continuamos pois, e não demora o remate. Se eu adivinhasse que ficava a hora e meia de Lisboa, tinha logo chegado ao fim do meu discurso.

Fui-o graduando, entretendo-o no dialogo, demorando o que lhe queria dizer, porque era encantadora essa discrepancia entre Maria Isabel e sua Mãi. Dois conceitos opostos, duas idades, duas mentalidades.

A independencia da Mulher!

Nem uma nem outra tinham razão; aguardava eu o momento de julgar—visto que estavam à espera—quando... «é aqui, já?». E era.

* * *

Sim; a Mulher lançou-se aos trabalhos, a-par do homem, pelas necessidades da vida social, aproveitando as concessões feitas pelo homem nos mesteres do comercio e da industria, não por amor da mulher, mas por utilitarismo: a mulher é mais barata.

A ascensão da mulher á vida publica, nas profissões oficiais e liberais, nas quais a cultura já é elemento a ponderar, foi menos uma conquista da mulher do que uma concessão do homem, esta mais leal, quero dizer: nada utilitarista.

A mulher é hoje professora, advogada, medica, artista, escritora—por direito concedido. E legitimamente. Já era tempo, vamos. Antigamente só a deixavam ser ou escrava ou rainha.

Nestas artes, de especulação intelectual, a-par do homem, está—casos excepcionalissimos á-parte—a mulher quasi sempre em inferioridade; ela a quis e isso é com ela.

Limita-se, em regra, a ser uma utilidade, nalguns casos—hospitais e professorado — com funções definidas, classificadas, que lhe pertencem por condição de sexo.

Quero dizer-lhe, incidentalmente, que a mulher no professorado, além do primario (o seu grande logar!) não beneficiou o ensino publico. Isto, porém, é uma questão de rara complexidade e melindre.

A Mulher, pois, trabalha em escritorios, laboratorios, balcões, oficinas, catedras, especulação, artes e letras, em todo o estendal de actividades, as mais inverosimeis, primeiro porque o homem lho consentiu, segundo porque se «resigna» mais, e terceiro, e fundamentalmente, porque «tem jeito» e chega a ter talento profissional.

Esta «Mulher» não deixa de o ser, orgulhosa do seu sexo e do seu destino, que vem quasi sempre ao encontro das delicadas exigencias do seu coração, quando chega a sua hora, seja quais forem as voltas que a vida der.

Trabalha fora de casa, mas é senhora de casa: Está-lhe guardado o lugar.

Mas ha a outra Mulher—e era esse o tal ponto sério da questão que debatiamos, e provocou a sua Mãe aquela frase: «menina, deixa ouvir a opinião dêste senhor, que podia ser teu pai...».

Refiro-me á Mulher que, incluida ou não nas que trabalham, e sem de todo perder o seu encantador «feminismo», a graça do sexo, o imperio da beleza, o misterio do coração, insensivelmente, por «largada» interpretação das liberdades adquiridas—e ás vezes mal aproveitadas—quere ter todos os direitos do Homem mas nenhum dos seus deveres.

Adoptou maneiras, utiliza processos, estabelece concertos para uso proprio, que, sem ela dar por isso, conduzem ao polo oposto do seu objectivo: trivializam-na, humilham-na. São vitimas da tolerancia que os homens lhe dispensam.

Que diferença entre a mulher que trabalha para ganhar o seu pão, ao lado do homem, e aquela que, trabalha ou não trabalha, mas vive ao lado do homem—como um homem!

São as independentes a que se referia, com tanto acerto, sua Mãi, o que lhe provocou a si, Maria Isabel, a frase ironica: «faz bem em não pensar como eu, não vá perder-se».

Não se perdia, mas perdia aquilo que a mulher tem de mais sagrado: a sua dignidade, que a propria fragilidade ennobrece.

E o que eu lhe queria dizer antes de chegarmos ao Rossio, e assim dêste modo, em continuação da viagem digo agora, é simples e claro: a Mulher para ser independente sujeita-se a depender de toda a gente. Para ter um dia, acaso, uma atitude independente, que a si propria lhe dê a ilusão de igualdade absoluta em relação ao homem, no querer, no pensar, no agir, no viver exterior—quantas humilhações ocultas, quanta subserviencia, quanta incoerencia, quantas suplicas aos homens! E a quanto fingido respeito se sujeita, «muito independente», la isso é verdade, mas muito mais escrava ainda.

E pronto. O comboio chegou ao Rossio.

A cabecita da Maria Isabel ficou um pouco tonta. A sua Mãi sorri, e agradece-me. Adivinho que não tem um pai, nem um irmão, sequer.

Pois auguro-lhe um noivo bom, e leal, que ainda os ha, e passo a palma da minha mão pela imaginação dos seus cabelos. Quero vê-la como uma Rosarinho—que deitou o romantismo pela janela fora, mas ficou ainda muito mulher—e bonita.

Eu sou aquele da Novela e das Paginas que a Maria Isabel conhecia, e não conheceu senão agora.

O ÚNICO CAMINHO
PARA V. Exª SE TORNAR
UM BOM GUARDA-LIVROS
SEM SAIR DE SUA CASA!
Cortar e remeter sem demora êste coupon
Ao INSTITUTO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DA PALMA, 164 LISBÔA Telef: 28034
Queira enviar-me, GRÁTIS, o livro O ENSINO COMERCIAL E INDUSTRIAL
NOME .....
MORADA COMPLETA .....
Enviar 1$60, em sêlos, para porte e despesas

Vida desportiva

AUTOMOBILISMO

Criterium de Regularidade

Encerra-se hoje, quinta-feira, pelas 23 horas, a inscrição dos concorrentes para a 2.ª prova do Criterium de Regularidade, que o Club dos 100 á Hora organizou, sendo o sorteio na sua sede, rua das Chagas, 35, após o encerramento da inscrição.

A partida será dada ás 9 horas de domingo, 2 de julho, nas portas de Benfica, com o seguinte itinerario: Lisboa, Queluz, Pero Pinheiro, Mafra, Gradil, Malveira, Loures e Lisboa, num total de 80 quilometros aproximadamente.

Em Mafra far-se-á uma prova complementar.

Segue-se no 3.º domingo, 9 de julho, a ultima prova dêste Criterium para a classificação final, e naquela data terminará o Rallye das três provas.

Nas classificações que provisoriamente foram dadas, houve um lapso na posição dos concorrentes no «Criterium» de regularidade», rectificando-se do seguinte modo:

1.º Manuel Nunes dos Santos, com 671,2 pontos. 2.º Amadeu Manuel Seabra, com 657,2 pontos. 3.º Antonio Soeiro e Silva, com 654 pontos.

O concorrente sr. Antonio Leitão de Oliveira foi desclassificado para a classificação do «Criterium», na prova de «ralenti», por ter deixado parar o motor.

Cerimonias religiosas

Dia de S. Pedro

Comemorando o dia de S. Pedro, o sr. Cardial Patriarca de Lisboa celebrou hoje missa solene seguida de distribuição de ordenações aos alunos do Seminario dos Olivais. A cerimonia religiosa começou ás 9 e 30.

O sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira foi assistido pelos conegos Pereira dos Reis, Damasceno Monteiro e Manuel Vieira e teve como mestre de cerimonias o beneficiado Honorato Monteiro e o padre Filipe Cardoso.

Durante a cerimonia, que terminou ao meio dia, o sr. Cardial Patriarca ministrou ordens a quatro presbiteros, a cinco diaconos e a oito bus-diaconos.

Falta de policiamento

na área de Pedrouços

Pede-nos um leitor que chamemos a atenção da Policia para factos pouco edificantes passados nas ruas de Pedrouços, onde magotes de garotos proferem as maiores obscenidades junto das pessoas que são obrigadas a passar pelas ruas. Não contentes com esse procedimento conseguiram arrombar um andar vago dum predio, onde foram encontrados a praticar actos pouco dignos e que estão debaixo da alçada da Policia.

Os vidros de diversos predios sofrem as consequencias de actos de banditismo praticados pelo rapazio do sitio e para os quais se pede uma repressão severa.

Feira artistica da «Voz do Operário»

No espectaculo desta noite na feira artistica de «A Voz do Operario», apresenta-se novamente a «marcha S. Pedro», da rua do Arco a Jesus, composta de 80 figuras e que ontem tanto exito obteve.

O acto da canção nacional será interpretado por Adelina Ramos, Natividade Pereira, Modesto Maia e José Marques do Amaral.

ESTORIL

Antiga Pensão Astoria
VENDE-SE OU ALUGA-SE
No melhor local, esplendida vista de mar e campo. Aquecimento, agua quente e fria e todas as comodidades. Para Pensão ou residencia particular. Grande jardim, horta, arvores de fruto, etc.
Tratar na Empresa Electrica, Ld.ª
Parque do Estoril

4 Mobílias — 3.500$00
Quarto, casa de jantar, escritório e sala, 33 peças — Facilidades de pagamento.
ESTABELECIMENTOS MATEUS
156, R. S. Lazaro, 172 - Telef. 4 0538

MAQUINAS FOTOGRAFICAS
Serve qualquer, empregando peliculas **VERITAS**. No campo, na praia, em toda a parte o amador inteligente emprega sempre peliculas **VERITAS**.
A' venda em todas as casas da especialidade.
Preços:
4x6,5 rolo 5$30 — copia $40
6x9 » 6$00 — » $50
6x11 » 7$50 — » $70
Representante **FOTO-ACHILES**, Av. Almirante Reis, 1-1.º andar.
(aberto aos domingos)

Tauromaquia

Domingo, á noite, no Campo Pequeno

«Armillita Chico», Silverio Perez, João Nuncio com toiros de Oliveira Fernandes

Abre amanhã, nos Restauradores, a venda de bilhetes para a grande corrida nocturna de domingo. Serão lidados oito toiros do sr. Joaquim de Oliveira Fernandes, o ganadero que tão grande sucesso alcançou na primeira corrida desta temporada pela bravura, nobreza e corpolencia de seus toiros.

Com toiros de esta acreditada ganaderia que maravilhas nos ofertará o famoso toureiro «Armillita Chico» que nessa noite alternará com outro mexicano de valor Silverio Perez?

Vão realizar-se em Lisboa

dois congressos de Esperanto?

Encontra-se, desde ontem, em Lisboa, o dr. Percy Hudson, escritor e professor da Universidade de Melbourne, que vem á Europa tomar parte, como presidente da Associação dos Esperantistas Australianos, no Congresso Mundial de Esperanto e no Internacional dos Esperantistas Catolicos, que se realizam, respectivamente, no proximo mês, em Berne, e, em agosto, em Roma.

O professor Percy Hudson,—que entre nós permanecerá alguns dias, a-fim-de conhecer as nossas principais cidades,—era esperado, no cais do desembarque, por numerosos cultores do idioma internacional, que lhe dispensaram uma entusiastica recepção. Hoje, na companhia dos dirigentes dos organismos esperantistas de Lisboa, com quem conversou sempre animadamente, em esperanto, visitou a cidade e os arredores; amanhã parte para o Porto e Coimbra, onde será hospede de honra dos esperantistas locais, a convite dos quais realizará conferencias sôbre os progressos do idioma internacional na Australia e no mundo.

Antes de abandonar o nosso país, o professor Hudson tratará, no Secretariado da Propaganda Nacional e com o sr. Cardial Patriarca, da possibilidade de se reunirem, em Lisboa, em 1941, por ocasião das festas do duplo centenario, os dois referidos congressos, o que trará a Portugal milhares de esperantistas de todo o mundo.

A Casa Pia comemora

o 159.º aniversario

Na proxima segunda-feira, 3 de julho, faz 159 anos que Pina Manique fundou a Casa Pia de Lisboa, completando 19 anos o Casa Pia Atletico Club (Ateneu Casapiano).

As respectivas festas começam no proximo sabado. Numerosos alunos marcharão dos Jeronimos para Algés, onde, ás 2 le 30, se realizará um grandioso festival de natação, em que tomam parte numerosas «équipes» de diversos clubes.

No domingo, ás 14 horas, os actuais e os antigos alunos concentrar-se-ão, com a banda da Casa Pia, junto ao monumento a Afonso de Albuquerque, a fim de prestar homenagem á memoria de Luz Soriano, depois do que se dirigirão áquele estabelecimento, onde se realizará uma sessão solene.

A's 17 horas, haverá um festival desportivo, no campo do Restelo, e ás 20 horas, no hotel Bragança, um banquete de confraternização casapiana, para o qual está aberta a inscrição, que custa 20$00, na sede do C. P. A. C., até sabado ás 19 horas.

DE LUTO

D. Laura Augusta Belchior Carvalho da Silva

Faleceu hoje a sr.ª D. Leonor Augusta Belchior Carvalho da Silva, de 74 anos de idade, filha da sr.ª D. Maria Vicencia Belchior Carvalho da Silva e do general Augusto Cesar Carvalho da Silva, já falecido, irmã do tenente-coronel Alfredo Augusto Carvalho da Silva, tambem já falecido e da senhora D. Maria Augusta Belchior Carvalho da Silva e tia dos srs. tenentes Mario Raul Carvalho da Silva e Ruy Cesar Carvalho da Silva, este tambem já falecido, e dos drs. Fernando Octavio Carvalho da Silva, funcionario da Companhia dos Tabacos, e Alfredo Augusto Carvalho da Silva Junior, inspector municipal de Sanidade Pecuaria.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas, da igreja de S. Nicolau para o cemiterio do Alto de S. João.

Os serviços funebres estão a cargo da agencia Magno.

SUFRAGIOS

D. Inacia Pereira Rosa

Mandada dizer por sua familia, celebra-se amanhã, pelas 11 horas, na igreja de Santos, missa de 30.º dia, em sufragio da alma da sr.ª D. Inacia Pereira Rosa.

Opiniões da Imprensa

Sobre a questão de Dantzig

O «Jour» diz:

«A acção alemã quanto a Dantzig segue, segundo parece, uma curva bem definida. Está em jogo qualquer coisa mais do que a Cidade Livre. Trata-se da independencia da Polonia. Se não fosse esse o calculo de Hitler, não se compreenderia porque recusa ele negociação razoavel que os polacos lhe oferecem. O perigo porém, segundo julgamos, não é imediato. São possiveis as interrupções e até a renuncia alemã não é de afastar. Assinala-se, todavia, que muitos oficiais e soldados alemães têm chegado a Dantzig para se alistarem nos corpos francos. Tambem chegaram ali importantes carregamentos de armas e munições, procedendo-se, na Cidade Livre, á distribuição de mascaras contra gases e tendo-se abatido muito gado para constituir reservas para os corpos francos».

O «Figaro» pregunta:

«A Alemanha prepara um golpe de mão contra Dantzig?». Têm circulado ultimamente as noticias mais alarmantes. Mas na realidade a Alemanha, por enquanto, apenas prepara um «bluff», dependendo a acção do efeito que produzirem as suas manobras espectaculares. Todos os cavalos da Cidade Livre foram requisitados e chegaram ali muitos uniformes do exercito alemão, enquanto se activam os trabalhos de fortificação em territorio danzigota. Milhares de jovens foram chamados ás fileiras. Tudo isto porem não parece impressionar os peritos militares polacos que declaram que a Cidade Livre seria completamente destruida pela artelharia polaca, em algumas horas, não se podendo aguentar até á chegada das tropas prussianas».

O «Petit Parisien» esclarece:

«Os compromissos, tomados são por tal forma firmes que bastará a primeira escaramuça entre alemães e polacos para que a Inglaterra mobilise a sua esquadra e a França o seu exercito».

O «Excelsior» declara:

«Hitler deve estar mal informado acérca das firmes resoluções de Paris e Londres, pois parece pensar num golpe interno em Dantzig, quando qualquer acto em Dantzig que envolva a resistencia da Polonia desencadeará o sistema de assistencia prometido pela França e pela Inglaterra».

O «Daily Express» assinala:

«Em Dantzig os alemães organizam um corpo franco para assustar a Inglaterra. Se não pudermos evitar a guerra—teremos que suporta-la. Daladier anunciou que tenciona conservar nas fileiras, permanentemente, uma classe. Se os franceses suportam este encargo suplementar não terão o direito de pedir-nos um sacrificio suplementar pela Paz? Assim o governo inglês deve alargar a conscrição e chamar classes suplementares, devem chamar tambem os desempregados, levando-os para campos de exercicios desde já».

O «Daily Telegraph» sugere:

«Talvez as palavras de Churchill ajudem a convencer Hitler de que a nação inglesa se encontra unanime como nunca e perto dos limites da sua paciencia. Se o povo inglês fôr forçado a fazer a guerra, cumprirá o seu dever».

Sobre o Extremo Oriente

O «Shogye» (japonês) escreve:

«Tien-Tsin é a edição resumida da atitude inglesa a favor de Xang Kai Chek. A Inglaterra arrisca-se a perder os seus interesses na China do Norte, se se obstinar em não, ver a validade».

O «Nichi-Nichi» acrescenta:

«Lamentamos que Chamberlain perante o Parlamento tivesse formulado um julgamento baseado em informações unilaterais, ignorando deliberadamente as causas do incidente de Tien-Tsin».

O «Kokumin» diz:

«Só a entrega dos quatro assassinos chineses não liquida o assunto».

O «Japan Times» comenta:

«Os recentes combates na fronteira manchu-mongol mostram que a época actual é a das guerras não declaradas e pode dar-se o pior se os sovietes querem dar a impressão ao Japão de que uma grave ameaça impende sobre o Manchuco. O Japão não hesitaria em entrar em guerra declarada ou não se o Manchuco fôr visado. Se o Komintang vier a conhecer os revezes sovieticos no Lago Buir, o efeito produzido será desastroso para os russos, se estes pretendem, apenas, apoiar o Komintang».

FEIRA DE CARIDADE no Parque Eduardo VII

HOJE — No palco aquático — MARCHAS DE CAMPO DE OURIQUE, do BAIRRO ALTO, VERDI e GRAÇA

ORQUESTRA FOLCLÓRICA FLORES (Argentina)

EM FADOS E CANÇÕES — Maria Albertina, Branca Saldanha, Manuel Monteiro e Moreira da Silva

Entrega de laços de honra a cada uma das marchas

Preço de entrada Esc. **2$50**

Entrada para o parque de estacionamento de automóveis, pela Rua Castilho

Aeronautica

A inauguração oficial das carreiras transatlanticas para passageiros

A' hora da saída do nosso jornal deve estar a amarar na base de Cabo Ruivo, procedente da Horta, o hidro-avião «Dixie-Clippor», da Pan-merican Airways, que inaugurou, oficialmente, como ontem dissémos, as carreiras transatlanticas para passageiros.

Tal como os grandes paquetes que fazem carreiras entre a Europa e a America do Norte, os *navios voadores* que realizam viagens entre o velho e o novo Mundo vão competir entre si, em regularidade, para ostentarem a «flamula azul» de honra.

Esta iniciativa, patrocinada pela Sociedade «Propaganda de Portugal» (Touring Português) e pelo Hotel Aviz, vai estabelecer uma interessante competição entre todas as companhias de navegação aerea que vão realizar carreiras regulares entre os Estados Unidos e a Europa, via Açores, com destino a Lisboa. O «Touring Português», em conjunto com o Hotel Aviz, oferece ainda um trofeu para ser disputado entre as diversas carreiras aereas, que é uma artistica salva de prata ostentando todas as «Ordens» portuguesas em esmalte e nas cores proprias.

A «Flamula azul» será entregue hoje, no Hotel Aviz, ao comandante do «Dixie Clipper», da Pan American Airways, pioneira destas carreiras e das linhas aereas do Pacifico. Na mesma ocasião, num dos salões daquele hotel, será descerrada, pelo sr. ministro da America, uma placa comemorativa da primeira viagem com passageiros, que hoje se completa, placa em que figuram os nomes dos tripulantes e dos primeiros passageiros desta carreira de aviação, que permite ligar Nova York a Lisboa em 24 horas.

A chegada a Lisboa dos primeiros passageiros que atravessam o Atlantico a bordo dum navio-voador da Pan-American não constitui um facto banal para a historia do nosso país. A iniciativa da Sociedade «Propaganda de Portugal» e do Hotel Aviz, que prepara aos ilustres visitantes que hoje chegam a Lisboa, uma recepção condigna é merecedora dos nossos elogios pelo alto significado que assume e pela boa propaganda que daí resulta, certamente, para o nosso país.

Baixaram as sobretaxas da correnpondencia aerea de Angola para Portugal

A Repartição Central dos Correios e Telegrafos de Angola informou que a correspondencia, pela via aerea com Portugal, principiará a efectuar-se em mala directa, via Tanger, passando a sobretaxa a ser a seguinte:

Cartas, por cada 5 gramas, ou fracção, quatro angolares; bilhetes postais, igual quantia, e impressos, manuscritos e amostras, cada 25 gramas ou fracção, cinco angolares e noventa centavos.

—O aviador civil sr. dr. Antonio Videira, advogado em Luanda, inaugurou recentemente o aerodromo do Toto, situado na propriedade do sr. dr. Cid Gonçalves, na circunscrição civil de Bembe, perto das minas de cobre.

—Na Escola de Pilotagem de Mossamedes foram largados os primeiros alunos, srs. Tito de Beires Gouveia e José Antunes da Costa.

Tambem na Escola de Nova Lisboa foi *largado* o primeiro curso, do qual faz parte uma senhora.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 30.—S. Marçal, discipulo do senhor.

Lausperene, está na igreja do Sacramento, ás 12, missa solene, por musica; ás 18, sermão e «Té-Deum».

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos, e exposição da imagem nas igrejas do costume.

DESORDENS E AGRESSÕES

Hortense dos Santos Correia, de 21 anos, moradora no largo de Santo Antonio da Sé, foi agredida á facada, na rua Nova do Almada. Ficou gravemente ferida no ventre. Recolheu á sala de observações do hospital de S. José.

LAR DA BOM, L.

decoradores

Consulte os nossos preços

Rua Augusta, 240, 1.º

Telefone ——— 2 8811

Pensão Confiança

BONS QUARTOS CONFORTAVEIS

Diárias desde 15$ — Casal 28$

Ao domicilio 5$ — Comensais 200$

P. Camões, 46-3.º — Telefone 2 9857

TAVOLA REDONDA

HORAS DE ARTE

O genio tem, ás vezes—é bem certo—iluminações proféticas. E que o multimodo talento de Liszt despediu centelhas geniais reconhece-o hoje a Critica, ao reivindicar para o compositor quasi inteiramente ofuscado pela celebridade do pianista, durante o continuo rumor de palmas que foi a sua vida, a gloria de ter sido o consciente instigador do genio wagneriano. Não creio, contudo, que o estranho «rei Lear da musica»— como lhe chama André de Hevesy em um lindo livro recente—houvesse tido a presciencia daquela «hora de arte», ha pouco efectuada no Seixal, quando escreveu este melancólico desabafo:

«Grande e triste é a sorte do artista!».

Parece-me supérfluo acentuar a simpatia que me merece a «hora de arte». Tudo quanto se faça para arrancar o nosso povo, ainda que seja pelos cabelos, ao monótono deserto de uma abrutada servidão—no qual a tasca desempenha as funções de oásis—ha-de concitar o meu aplauso cuja desvalia é compensada pela sinceridade. De resto, se ha socialismo que todos possam e devam secundar é este de, por todas as formas ao nosso alcance, levar até as camadas sociais mais distanciadas das altas criações do espirito e da sensibilidade, o fermento da cultura intelectual e o pão angélico da arte. Mas, assim como se não inicia o ensino das matemáticas pelo calculo diferencial tão pouco se ha-de infligir a auditorios habituados a «ordinarios» puxados e repuxados a clarinete as mais transcendentes expressões da musica. Por muito grande que seja o seu poder comunicativo—e não será ela, com efeito, a mais universal das linguagens artisticas?—a musica é uma ascensão. Beethoven, por exemplo, está tão alto que quasi sentimos a tentação de o proclamar nos «cumes do zénite» para usar o dizer estratosferico de um estilista da ultima colheita. O sr. Cruz e Sousa é evidente que fica mais abaixo.

Ora, na tal «hora de arte», realizada no Seixal, com o concurso da Emissora, não se observaram os elementares preceitos de critério e de bom gosto que me vejo forçado a recordar.

Deu-se ao auditorio seixalense, entre outras obras a «Sinfonia Incompleta». E como a execução coube a uma filarmonica da terra ha aí quem acoime de capital essa execução e quem se não importe de asseverar que a «Incompleta» já o não é—porque deram cabo dela na Outra Banda.

Pobre Schubert!

Pobre «hora de arte»!

BOURBON E MENEZES

O PORTO pelo telefone

Industriais de transportes em automoveis

PORTO, 29.—Em homenagem aos organizadores do «1.º Congresso Nacional de Transportes», «Grande Parada de Viaturas Automoveis» e «XII Salão Automovel» realizados em março passado, realizou-se, no hotel Aliança, um grande almoço de confraternização dos industriais de transportes em automovel, que reuniu cêrca de trezentos convivas. Ao banquete presidiu o sr. Lopes Cardoso, presidente da Camara Sindical dos Importadores de Automoveis, tendo a seu lado o sr. tenente Rogerio Abranches, Joaquim Jeronima (Barqueiro), representante do Gremio de Camionagem de Lisboa, jornalistas José de Miranda, representante do «Diario de Noticias», Francisco Marques, de Lisboa, engenheiro Plinio Silva, Jorge Novais, etc.

Aos brindes usaram da palavra diversos oradores, destacando-se, porém, o sr. engenheiro Plinio Silva, da Auto-Mecanica de Portugal, cujas afirmações pelo desassombro com que foram pronunciadas mereceram os mais fortes e entusiasticos aplausos.

Abuso de confiança

Queixou-se á Policia Joaquim Duarte Baptista, agente comercial da rua da Ponte Nova, contra um individuo que indicou, acusando-o de haver desviado seis aparelhos de radio, no valor de seis contos, que lhe comprou para vender á consignação.

UM PIONEIRO DO IMPERIO COLONIAL

A' sua passagem por Luanda

o conselheiro Azevedo Coutinho

confiou as suas impressões ao «Diario de Lisboa»

O sr. conselheiro Azevedo Coutinho á sua passagem por Luanda

LUANDA, junho.—(Pela via aerea).—A bordo do *Quanza* passaram hoje neste porto, a caminho da Beira, os srs. conselheiro João de Azevedo Coutinho e dr. Augusto Soares, que vão representar a Companhia de Moçambique na recepção ao Chefe do Estado naquela cidade do leste africano.

O sr. conselheiro Azevedo Coutinho, que não visitava a capital de Angola ha 43 anos, foi particularmente festejado.

O heroi das campanhas africanas, cujo nome ainda hoje é pronunciado com admiração e respeito não só pelos colonos como pelos indigenas que são contemporaneos dos seus feitos coloniais, quis ter a amabilidade de nos dizer algumas palavras e de nos confiar as suas impressões depois da visita que fez á cidade.

—Confesso-lhe que já tinha saudades do nosso Ultramar. Se lhe parece! Quem ajudou a desbravar e a pacificar parte do continente africano onde tremula ainda a bandeira nacional, no cumprimento do seu dever, como soldado português; quem ofereceu a sua mocidade, o seu ardor e o seu esforço por estes prolongamentos do nosso Imperio não pode deixar de ter saudades do tempo que aqui viveu.

O sr. conselheiro Azevedo Coutinho visitou Luanda pela primeira vez em 1896. Foi ele que comandou na viagem para Angola a canhoneira «Salvador Correia», que tão assinalados serviços prestou á colonia e que ainda hoje se pode ver, desarmada, coberta de ferrugem, e com a prôa quasi metida a pique junto da ilha de Luanda.

O sr. conselheiro Azevedo Coutinho acesta o seu binoculo na direcção do velho casco abandonado e fica-o a contemplar durante algum tempo, com saudade.

Falámos depois da viagem presidencial, que o ilustre marinheiro considera da mais alta importancia para a unificação do Imperio. E diz-nos:

—Acredite que faço um sacrificio grande vindo á Africa. Estou velho e doente. A viagem é longa e dura de suportar, na minha idade, as jornadas festivas a que terei de assistir. Mas é ao mesmo tempo com grande satisfação que vou evocar algumas das horas mais belas da minha vida.

O sr. conselheiro Azevedo Coutinho desembarcou com o seu medico e alguns amigos para visitar a cidade. Foi com grande surpresa que percorreu de automovel as grandes avenidas de Luanda ladeadas de predios modernos. O nosso ilustre visitante pertenceu a uma geração que percorreu o sertão luandense utilizando bois, cavalos e machilas transportadas aos ombros dos indigenas como unico meio de locomoção. A cidade era alumiada nesse tempo por candeeiros de oleo de palma. Hoje, a luz electrica ilumina todas as arterias.

—Como isto mudou!—diz-nos surpreendido. Na metropole não se faz uma ideia aproximada do progresso que as colonias atravessam. O esforço do colono português está bem patente aos olhos das nações que, ás vezes, fingem não conhecer a obra que estamos a realizar como construtores de imperios.

E acrescenta:

—Nós, portugueses, no que respeita ao problema colonial, devemos arredar qualquer aspecto politico de caracter particular ou interesseiro quando se trate de prestigiar o bloco uno e indivisivel do Ultramar que os nossos antepassados legaram ás gerações vindouras como reliquia sagrada.

E esclarece:

—Quero dizer que o problema colonial, hoje e mais do que nunca, exige todo o nosso esforço, toda a nossa inteligencia e o mais acendrado nacionalismo. Temos de nos unir para o defender, caso seja necessario. Felizmente que o esforço colonizador português não teme a rivalidade e já vai sendo admirado pelo mundo.

A' saida do palacio do Governo, onde foi retribuir cumprimentos, e a caminho do cais, o sr. conselheiro Azevedo Coutinho diz-nos, sorridente:

—Retiro-me de Luanda com a maior satisfação por admirar o seu aspecto progressivo e com saudade. Sou o governador colonial mais antigo, isto é, o unico sobrevivente da falange que ajudou a erguer o edificio destinado aos novos... Vivi muitos anos nestas terras. Veja estas cicatrizes, são os sinais que ainda perduram de certos ferimentos recebidos em combate, os quais chegaram a criar bicho.

E a concluir:

—Por intermedio do *Diario de Lisboa* diga aos seus leitores da minha admiração por tudo quanto tive o grato prazer de contemplar e da grande conveniencia para os portugueses da metropole em criarem a sua mentalidade colonial, a-fim de se integrarem na altissima missão que lhes está reservada no futuro.

As Comemorações centenarias

RIO DE JANEIRO, 29.—Alguns jornais afirmam que o presidente Getulio Vargas já está preparando a sua visita a Portugal e acrescentam que já foi nomeada uma comissão para ultimar os preparativos da viagem presidencial. No couraçado «Minas Gerais», que transportará o Chefe do Estado, foram introduzidos varios melhoramentos.—(Havas).

A compra do Palacio da Independencia

RIO DE JANEIRO, (junho).—O «Correio Português» publica o seguinte: «Noticiou-se que ao sr. dr. Oliveira Salazar foram entregues, da subscrição aberta entre a colonia portuguesa do Brasil, para a aquisição do palacio Almada, 1.500 contos. E' uma parte pouco valiosa do montante necessario para essa compra, embora justo é que se diga que é um bom inicio. Mas o tempo passa e por isso se não deve protelar a conclusão deste caso em que entra em jogo o brio da colonia portuguesa. Sabemos que a respectiva comissão está empregando todas as diligencias para levar essa iniciativa a bom termo. A ela não caberá a culpa da demora.

De novo pedimos aos portugueses para que não se demorem em cumprir este dever civico, de harmonia com os seus recursos e com os seus sentimentos patrioticos».—(Havas).

Almoços, chás e lanches para baptisados e casamentos

Tudo é servido admiravelmente e a preços acessiveis, pela Antiga Confeitaria Rosa Araújo — rua de São Nicolau, 44 a 48. (Aptofone 24701). Almoços das 12 ás 15 e chás das 17 ás 19.

NAVIOS ESTRA

O ministro da M

no Paço

um almoç

Em cima: a presidencia do almoço; e

O sr. ministro da Marinha ofereceu hoje, na «Sala dos Navegadores» do antigo paço real de Sintra, um almoço oficial em honra dos altos comandos da esquadra italiana surta no Tejo.

Os convidados chegaram a Sintra, em dez automoveis, cêrca das 13 horas, e deram imediatamente ingresso no palacio, num de cujos terraços se serviram os aperitivos.

Pouco depois começou o almoço. O sr. ministro da Marinha ocupou a presidencia, ladeado, á direita, pelo sr. ministro de Italia e, á esquerda, pelo almirante Riccardi. Tomaram tambem lugar á mesa os srs. almirante italiano, Sportiello, almirantes Mata Oliveira e Botelho de Sousa; comandantes Francisco Luiz Rebelo, Afonso de Carvalho, Nuno de Brion e Garin; engenheiro Mendes Barata; dr. Henrique Viana; adidos naval e aeronautico italianos; os tenentes Henrique Tenreiro e Ramalho Rosa, 2.º tenente

O caso do Teatro Avenida

O ACTOR ASSIS PACHECO, desejando satisfazer os inumeros pedidos dos seus queridos amigos e, ao mesmo tempo, manter o proposito de se dedicar ao Comercio, torna publico que resolveu formar uma sociedade com o ilustre empresario Abilio Alves.

E amanhã, pelas 21 e 45 horas, no **TEATRO AVENIDA** tomará a direcção dum escritorio de COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES que ha-de girar sob a firma

Faustino, Limitada

(Segue o reconhecimento... para com o publico, se lhe der a honra das suas ordens pelo telefone 2 7273).

Bobone, L.da

Sabado 1 de Julho, a partir das 22 horas, fará passar o seu Manequim, no Casino do Estoril, com vestidos acabados de chegar de Paris. O Manequim fará a sua exibição nos intervalos das danças.

NGEIROS NO TEJO

Marinha ofereceu

de Sintra

o aos almirantes italianos

baixo: um aspecto da sala e da mesa

José Godinho e alguns oficiais superores da frota italiana.

A mesa oferecia um lindo aspecto e a sala estava decorada com magnificas plantas.

Aos brindes, o sr. ministro da Marinha levantou a sua taça por S. M. Victor Manuel e o sr. ministro de Italia brindou pelo Presidente da Republica portuguesa.

O café e os licores foram servidos num dos patios do palacio. O regresso a Lisboa fez-se por Cascais e Estoris, a meio da tarde.

Entraram hoje no Tejo dois submarinos italianos

Pelas 14 e 30 entraram a barra do Tejo os submarinos italianos «Atropo» e «Guglielmotti», os quais passaram para a doca de Alcantara onde atracaram junto dos contra-torpedeiros da frota. Os comandantes estiveram a bordo do couraçado «Conte di Cavour» a fazer a sua apresentação ao almirante Riccardi.

Caso de espionagem

alemã na Belgica

LIE'GE, 29—Implicados no recente caso de espionagem descoberto nesta cidade, foram hoje presas mais pessoas de elevada categoria social, cujos nomes a Policia se nega a divulgar. Sabe-se, no entanto, que são pessoas relacionadas com as mais altas esferas sociais e nas quais gozavam de grande prestigio.

E' voz corrente que se trata de um importante caso de espionagem alemã. Sabe-se que foram encontrados documentos da maior importancia na mão dos oito espiões já presos.—(United Press).

Uma venda ficticia de propriedades

A P. I. Criminal averiguou que a sr.ª Eugenia da Conceição Silva, proprietaria no Cadaval, fez uma venda ficticia das suas propriedades (no valor de 100 contos), por 19 contos, aos seus sobrinhos Francisco Rosa e Maria da Conceição Nunes, para se eximir ao pagamento de 70 contos que devia a diversas pessoas.

O EXTREMO ORIENTE EM FOCO

A-pesar das negociações de Toquio

vai intensificar-se o bloqueio de Tien-Tsin

HONG-KONG, 29—O informador do Exercito japonês anuncia que, a-pesar das negociações que vão efectuar-se em Toquio, o cêrco ás concessões de Tien-Tsin vai ser reforçado a partir de 1 de julho.—(Havas).

A questão do reabastecimento

TIEN-TSIN, 29—Melhoraram, notavelmente, as condições do reabastecimento da concessão inglesa. As descargas de generos desta manhã são suficientes, se bem que ainda inferiores ás normais. A fiscalização das mercadorias nas barreiras é menos rigorosa.—(Havas).

A ocupação de Suateu

TOQUIO, 29—De Cantão informam a «Domei» que se realizou uma conferencia entre Tadahisa Matsudaira, vice-consul japonês, e Hatsuo Okasaki, consul geral, a proposito dos problemas que se levantam com as três potencias representadas em Suateu, devido a ocupação daquele porto pelos japoneses. Segundo certos observadores de Cantão, as autoridades niponicas poderiam reforçar a fiscalização do porto de Suateu em virtude da atitude de não-cooperação adoptada pela Grã-Bretanha.—(Havas).

Os japoneses vão proclamar na China um governo federal?

ROMA, 29—Segundo informações dignas de credito, o «Giornale d'Italia» noticia, em telegrama datado de Toquio, que os japoneses proclamariam o governo federal da China em 7 de julho proximo, data do 2.º aniversario do começo das operações militares niponicas.—(Havas).

Mais uma acusação niponica contra os ingleses

TOQUIO, 29—O departamento da Marinha de Guerra japonesa diz serem completamente verdadeiras as noticias de que os navios mercantes ingleses surtos no porto de Hankeu enviavam radios a Chung-king, nas quais comunicavam as acções militares japonesas. Foi por este motivo que as autoridades militares chinesas estiveram sempre ao corrente dos «raids» dos aviões niponicos, pois a saida destes era assinalada pelas estações de T. S. F. dos navios britanicos.

O informador oficial do mesmo Ministerio afirma que, perante esta situação e a falta de cumprimento e respeito pelas leis internacionais as autoridades navais japonesas foram levadas a tomar medidas contra todos os barcos mercantes ingleses.—(U. P.).

Fornecimento de munições á China pela Alemanha

HONG-KONG, 29—Noticia-se de boa fonte que a Alemanha se comprometeu, mediante um contrato, a fornecer á China 5 milhões de libras de munições aproximadamente, uma certa quantidade das quais seria exportada da Alemanha. A maior parte das munições seria fabricada no estrangeiro, nomeadamente na Belgica e America. —(Havas).

Duros combates entre tropas niponicas e chinesas

CHUNG KING, 29.—Segundo informações de origem militar chinesa, travaram-se durissimos combates em Kan-Mem, após o desembarque dos 200 marinheiros japoneses em Iuh-Uán, perto de Uen-Tcheu.

As autoridades chinesas admitem o abandono de Tsi-Tang e Fou-Yang, perto de Suateu, pelas suas tropas.—(United Press).

As questões mongol-manchus

MOSCOVO, 29—A «Tass» informa que hoje 15 aviões nipo-manchus, protegidos por aviões de caça, tornaram a violar a fronteira da Mongolia na região do lago Buirnor. Recebidos pelos canhões anti-aereos—diz a referida agencia—e vendo que os aparelhos sovieticos-mongois se preparavam para lhes dar combate, os aviões adversos regressaram á Manchuria sem aceitar combate. A artelharia sovietica abateu, todavia, dois aviões nipo-manchus que cairam na Mongolia.—(Havas).

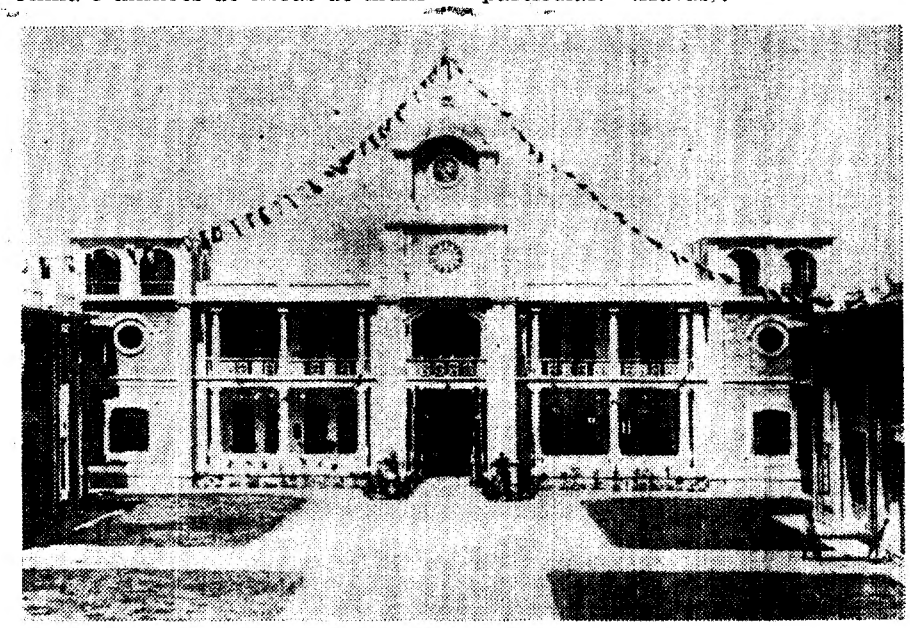
A conferencia de Singapura teve um exito completo

LONDRES, 29—De Singapura informam a Reuter:—«A conferencia defensiva anglo-francesa foi coroada de exito»—declarou o vice-almirante Decoux, comandante chefe da esquadra francesa do Oriente. «Os resultados da conferencia—acrescentou—devem exercer importante influencia na situação do Extremo Oriente. Chegou-se a acôrdo quanto aos principais pontos e espero que, de futuro, os comandos francês e inglês passarão a reunir-se, periodicamente, para procederem a uma troca de impressões sobre a situação».—(Havas).

Adidos de Imprensa japoneses

TOQUIO, 29—O ministro dos Negocios Estrangeiros publicou um comunicado em que anuncia que, devido ao aspecto que assumiu ha algum tempo a situação internacional e ao reforço do pacto contra o «Komintern», a missão dos adidos da Imprensa se tornara mais delicada e mais importante do que nunca. Resolveu-se, pois, enviar novos adidos de Imprensa para Berlim, Roma e Varsovia.

O comunicado acrescenta que o ministro tenciona, igualmente, enviar adidos suplementares para os diferentes centros de informação internacionais que oferecem uma importancia particular.—(Havas).



O quartel das tropas chinesas em Swatow, na China do Sul, que foi ocupado pelos soldados japoneses

Homenagem de discipulos

ao maestro Artur Trindade

MAESTRO ARTUR TRINDADE

As alunas e os alunos particulares do sr. prof. Artur Trindade — mestre do belo canto—e da sua Ex.ma esposa, condessa Mornati Gallo, vão prestar-lhe uma calorosa homenagem, no proximo sabado, dia 1 de julho, pelas 21 horas e meia, na Casa das Beiras.

D. Amalia Proença Norte fará uma conferencia.

A comissão é constituida pelas seguintes pessoas:

Adelia Bastos Mendes, Almerinda Monteiro, Ana O'Sullivan, Berta R. Caballero y Serodio, Celeste Marques, Dalila Santos Martins, Elvira Garriga, Elsa Gomes Mota, Fernanda Conceição Martins, Gabriela Franco de Castro Homem Teles, Helena Martins, Isaura Garriga, Joana Sá e Melo, Josefina Lagos, Judith Pereira Viana, Julia Renée Passalaqua, Maria Alice Antunes de Carvalho, Maria Amelia Melo, Maria Carmen Martins da Conceição, Maria das Dôres Simões Pereira, Maria Helena Ribeiro, Maria Irene de Oliveira, Maria Isabel Pagani, Maria Lourdes Estevam da Silva, Mina Braga, Zica Martins Seruya, Antonio Luiz Fonseca, Antonio Souto, Celestino Ribeiro, Jaime Dôres Ferreira, Joaquim Carvalho, Morgado Mauricio, Raimundo de la Feria e Victor de Castro.

A garota que vendia limões

e que praticou muitos furtos

Hoje tem havido uma verdadeira romaria no Toiel: pessoas dos mais distantes pontos da cidade apresentaram-se no gabinete do chefe da 2.ª secção da Policia de Investigação Criminal, a declarar que fôram roubadas pela garota que andava a vender limões e a quem a sua mãi, Maria Emilia Maia Machado, que se encontra presa, incitava a furtar dinheiro e objectos.

Muitos dos queixosos reconheceram objectos que lhes haviam sido roubados, entre os quais umas joias, no valor de 4 contos, furtadas numa casa das avenidas novas.

A rapariga, interrogada pelo referido chefe e por um agente da mesma secção, foi indicando as casas onde havia feito os furtos, á medida que os objectos lhe iam sendo apresentados. E afirmou que a mãi a acompanhava até ás respectivas portas e lhe batia quando ela se recusava a entrar nas casas.

Na rua do Bemformoso, 124, foi presa uma mulher que vivia com o irmão da Maria Emilia, a quem foram apreendidos diversos objectos furtados pela rapariga. E como ali morasse um individuo de nome Joaquim Emidio Simões, a Policia prendeu-o, julgando que se tratava do «Simões do Montepio» que ultimamente burlou algumas pessoas. A final verifica-se «ha mais Simões na terra...».

Ha sete horas que a rapariga dos limões está depondo. A Policia está convencida de que, a-pesar da sua figura franzina, tem mais que os 13 anos que indica.

O «Ciudad de Alicante»

entrou a barra ás 16 e 30

O navio-escola a motor espanhol «Ciudad de Alicante» chegou mais cedo do que era esperado, tendo entrado a barra ás 16 e 30. A' hora a que fechamos o nosso jornal, está atracando á popa do couraçado italiano «Cavour», na Rocha do Conde de Obidos, onde se encontram muitos filiados da Brigada Naval, da «Legião», da «Mocidade Portuguesa» e da Falanga Espanhola de Lisboa.

Os «flechas navais» espanhois

são esperados depois das 18 horas

Vindo de Vigo,—donde largou ontem á noite—deve atracar ao cais da Rocha do Conde de Obidos, entre as 18 e as 19 horas, o barco-escola a motor da Armada espanhola «Ciudad de Alicante», comandado pelo sr. capitão de navio Luigardo Lopez Ramirez, que traz a bordo, além da sua tripulação, cêrca de 600 «flechas navais» que andam realizando uma viagem de treino pelo litoral da Península.

Os jovens espanhois vestem uniforme branco. São dos grupos de Algeciras, Baleares, Barcelona, Cádiz, Huelva, Málaga, Sanlucar e Sevilha, e trazem uma banda de gaiteiros, do nucleo de Cádiz, ao qual foram oferecidas as respectivas gaitas de foles por um camarada de Vigo.

Com os «flechas navais», vêm o seu instrutor, D. Ricardo Torres, que é natural de Tuy, e o poeta e jornalista, do «A B C» de Sevilha, José Carlos de Luna, grande estudioso do «cante flamenco».

No cais comparecerão, devidamente uniformizados filiados da «Brigada Naval», da «Legião», da «Mocidade» e da «Falange Espanhola» de Lisboa.

Estão preparadas diversas festas em honra dos «flechas», que desfilarão nas ruas da capital.

Aos jovens visitantes será oferecido um passeio a Cascais e a Sintra.

O «Ciudad de Alicante» largará para Barcelona, em continuação do seu cruzeiro, depois de amanhã.

Casa do Alentejo

No proximo sabado, dia 1, pelas 22 horas, terá lugar a 3.ª festa anual da Casa do Alentejo, na qual tomam parte as meninas Lizete Fialho Silva, primorosa pianista de 11 anos, Maria de Lourdes de Albuquerque, de 9 anos, que, apesar da sua pouca idade, já sabe marcar muito bem o seu lugar de artista em interessantes bailados e que será acompanhada por sua mãi, a sr.ª D. Albertina Rios de Albuquerque, ao piano. Tambem colaboram os conhecidos imitadores Daniel Martins e Artur Lopes, o grupo cenico da Casa do Alentejo e outros artistas que serão anunciados brevemente. O baile será abrilhantado por duas novas orquestras, e o trajo será de passeio. Tambem se fará a entrega á Casa do Alentejo de um relicario da terra alentejana, no qual estão representados os 46 concelhos da provincia e que é oferta do seu pessoal.

Melhoramentos e festas

em Almargem do Bispo

A comissão administrativa da Junta de Freguesia de Almargem do Bispo promove no proximo domingo, 2 de julho, uma interessante festa em homenagem aos srs. capitães-aviadores João Soares e Américo dos Santos, respectivamente, presidente e vogal da comissão administrativa da Camara Municipal de Sintra, que se têm votado de alma e coração á solução dos interesses e das aspirações do povo daquele concelho.

Prepara-se tambem para esse dia a inauguração da sede da Junta de Freguesia, que foi recentemente restaurada, e Escola General Barnabé Ferreira. E para incutir ao acto um cunho mais nacionalista, na sala nobre da junta serão descerrados os retratos dos srs. Presidentes da Republica e do Conselho.

E a par da homenagem muito justa que se vai prestar aos srs. capitães João Soares e Américo dos Santos, o povo de Almargem do Bispo assistirá a um interessante programa de festas populares cujo inicio está marcado para sabado. Haverá arraial, baile, descantes populares e uma marcha luminosa, que percorrerá as ruas da freguesia.

Na segunda-feira, 3 de julho, para terminar os festejos, que serão abrilhantados por duas excelentes bandas, realizam-se provas de ciclismo e corridas pedestres, fechando com um vistoso arraial e baile ao ar livre.

Os santos populares

Na «Aldeia em festa»

Continua aberta esta noite nos jardins do Palacio Camaride, á praça do Duque de Saldanha, a «Aldeia em festa», interessante iniciativa que tem alcançado um exito lisonjeiro.

«Aldeia em festa», com as suas numerosas barracas, onde o publico pode passar uma noite agradavel, vai apresentar hoje um magnifico programa de atracções, onde não faltam descantes e guitarradas, fados por afamadas cantadeiras, bailados e cantares regionais por alguns ranchos populares. Pelas 22 horas um juri procederá á classificação da mais linda «carta de amor» e da cronica mais curiosa sobre a «Aldeia em festa».

O perigo de saltar as fogueiras

Quando ontem á noite saltava uma fogueira, na rua Gil Vicente, ficou bastante queimado nas pernas Anibal Santos Costa, de 8 anos, residente na mesma rua, n.º 32, que ficou internado no hospital de S. José.

QUATRO MARCHAS POPULARES

na feira do Parque Eduardo VII

De ambiente popular e tradicionalista, a «Feira de Caridade» do Parque Eduardo VII continua hoje, com as suas muitas atracções.

Quatro marchas populares dos varios bairros da capital apresentar-se-ão ali, oferecendo ao publico um espectaculo sempre curioso e sempre pleno de côr e beleza.

Haverá animação e alegria—o entusiasmo das noites de S. Pedro, a ultima noite de festejos desta quadra.

Herminia Silva, Maria do Rosario e Frutuoso França apresentar-se-ão no Retiro Fadista e, no palco aquatico, exibir-se-ão Manuel Monteiro e Moreira da Silva.

Será queimado vistoso fogo de artificio e muitas surpresas estão reservadas ao publico.

No restaurante-«dancing», confiado á direcção da sr.ª embaixatriz do Brasil, vão, decerto, reunir-se as nossas melhores familias, e grande vai ser, tambem, a concorrencia a todas as barracas da Feira, aos seus «bars» e cervejarias, ás quermesses, ao teatro de fantoches, etc.

A entrada custa apenas 2$50.

Monumento a Afonso Henriques

na cidade de Luanda

Na Sociedade Nacional de Belas Artes, deve realizar-se, ás 17 e 30, a segunda reunião do juri do concurso para o monumento a D. Afonso Henriques a erigir em Luanda, por iniciativa da Liga Nacional Africana e por subscrição aberta entre os naturais de Angola.

O juri é contituido pelos professores da Escola Nacional de Belas Artes escultor José Simões de Almeida e arquitecto João Antonio Piloto, pelo representante do Sindicato Nacional dos Arquitectos Adelino Alves Nunes e pelo representante da Sociedade Nacional de Belas Artes escultor Raul Xavier, presidindo, por delegações do agente geral das colonias, substituto, o chefe da divisão de propaganda da Agencia Geral das Colonias.

Exposição de trabalhos escolares

Foi ontem inaugurada a exposição dos trabalhos escolares dos alunos da Escola Comercial do Ateneu Comercial de Lisboa, a qual, no seu primeiro dia, foi bastante visitada, tendo sido muito apreciados os trabalhos expostos, que denotam muito gosto e excelente aproveitamento.

A exposição continua aberta, todos os dias, das 9 ás 12 e das 22 ás 0 horas.

Fraudes e falsificações

de vinho do Porto

Os delegados do Instituto do Vinho Português não descansam na perseguição aos falsificadores. Ha noticias de mais quatro condenações: duas na Belgica e duas na França.

As primeiras têm uma especial importancia, pois que a repressão ás falsificações nesse país pode hoje considerar-se juridicamente assegurada.

Trata-se das firmas «Sterckx» e «Hougardia», condenadas pelo tribunal de Louvain, respectivamente, a 455 e 350 francos ou 15 dias de prisão, ao pagamento de 50 francos, a titulo de perdas e danos, e ás despesas do processo. Na reparação civil o tribunal foi benevolo, mas o grande interesse da sentença é a questão de principio, isto é, o reforço da jurisprudencia até agora praticamente inexistente.

As outras duas, em França, onde foram condenados os irmãos Cesari a multa e indemnização por perdas e danos e a duas inserções nos jornais, e a senhora Domaneche, condenada pelo tribunal de Chateauroux, nas mesmas penas.

TRIBUNAIS

Tribunal Colectivo de Generos Alimenticios

No Tribunal Colectivo de Generos Alimenticios foram condenados, por falsificarem azeite com oleo de amendoim, José Martins Cabrita, de Faro, e José Pinto de Morais, de Amarante, respectivamente, em 500$00 e 1.000$00 de multa e adicionais.

Foram tambem condenadas as firmas Casa da India, Limt.ª, de Lisboa, e Abrantes Jorge & C.ª, do Porto, por terem á venda, respectivamente, queijo, amendoas e pão em mau estado, nas multas de 200$00 e 500$00, além dos respectivos adicionais.

Bôlbo Capilar

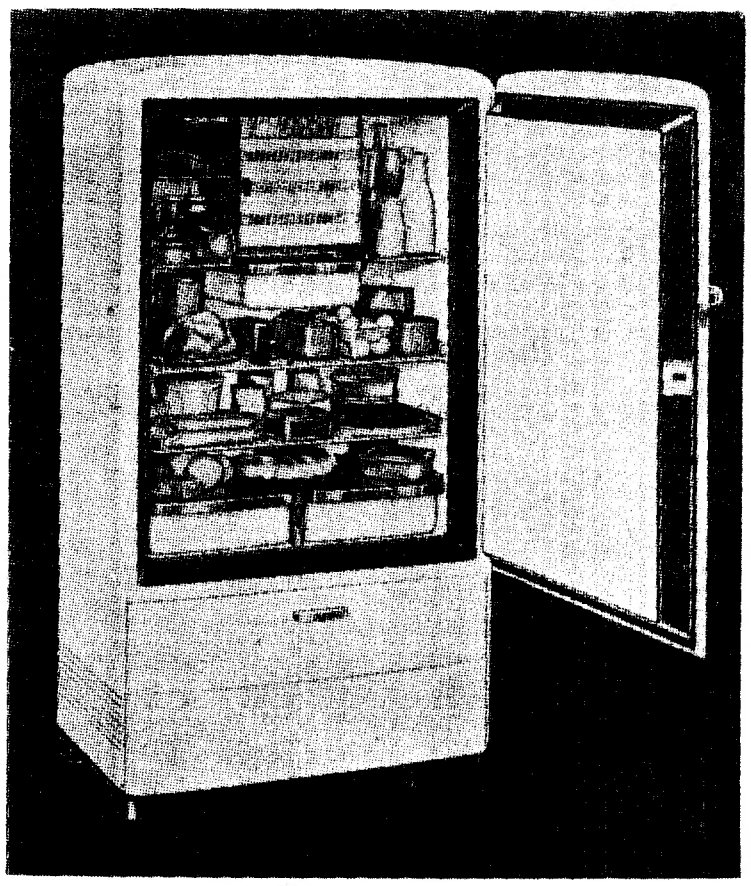
Restitue cabelos aos calvos, suspende a queda do cabelo, cura radical da caspa. E' ao mesmo tempo um requintado produto de toucador, perfume inebriante e persistente, dá brilho e fixa, dispensa brilhantinas aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplicado após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Frasco, embalagem de luxo e 250 gr. para mais dum mês, 17$50.

A' venda na Sociedade Industrial Farmaceutica, Rossio, 31 e 33, na Casa Silva Pires, rua 1.º de Dezembro, 130, e nas boas farmacias e em todas as drogarias da Baixa.

PROVAS: Estão expostas algumas fotografias na montra da Drogaria Centeno & Neves, rua da Prata, 204-206, de pessoas curadas com o **BOLBO CAPILAR** de enormes e horriveis calvas.

KELVINATOR

PRIMEIRA REMESSA exgotada em 15 dias!



SEGUNDA REMESSA a chegar no s/s «Saturnia»

Stand de Exposição: 140, Rua São Paulo--Lisboa **Telef. 24535**

Espumantes naturais
Borges
de qualidade insuperavel

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

Noticias da Espanha

Franco vai a Marrocos

BURGOS, 29.—Os circulos nacionalistas bem informados anunciam que o generalissimo Franco visitará, brevemente a zona do Protectorado espanhol de Marrocos. Na sua viagem o Caudilho deter-se-á em Sevilha, onde pronunciará um discurso sobre politica externa espanhola, ao qual se atribui uma importancia extraordinaria.

Franco visitará as principais cidades do Protectorado de Marrocos, nas quais se preparam grandiosas recepções.

A viagem de Cadiz a Ceuta será feita a bordo do «Canarias», que será escoltado pelos cruzadores «Almirante Cervera» e «Navarra» e por uma esquadrilha de unidades ligeiras.—(United Press).

A mendicidade em Madrid

MADRID, 29.—O alcaide desta cidade «declarou a guerra» aos mendigos que infestam a capital. Ontem á tarde, visitou umas propriedades rurais em Boadilla, que pertencem ao municipio, onde tenciona instalar casas de refugio e criar oficinas e escolas de reeducação profissional para os mendigos incapazes de trabalhar a terra. Não é a primeira vez que as autoridades de Madrid tentem pôr côbro a uma verdadeira chaga social que empresta um pitoresco doloroso á capital. Todas as tentativas até aqui foram vãs, mas tambem nunca se tomaram medidas tão radicais como desta vez.—(Havas).

Homenagem do Duce

BURGOS, 29.—O Secretariado Geral do Movimento anuncia que recebeu uma corôa de bronze de Mussolini para ser deposta, em nome do Duce, sobre o tumulo de Antonio Primo de Rivera, fundador da Falange.—(H.).

Esquadra italiana em Barcelona

BARCELONA, 29.—Procedente de Valencia, chegou esta manhã a Barcelona uma esquadra italiana, composta por varias unidades.—(U. P.).

OS QUE MORREM

General Knochenhauer

BERLIM, 29. — Faleceu o general de cavalaria Knochenhauer, comandante do 10.º Corpo do Exercito. O Fuehrer ordenou que lhe façam enterro nacional.—(Havas).

Luiz Manrique

MADRID, 29. — Faleceu ontem, nesta cidade, o celebre actor espanhol Luiz Manrique, que regressou recentemente duma "tournée„ á America.—(Havas).

ANDAR POUCO COMER BEM
DORMIR REGALADAMENTE
SO' no «HOTEL INTERNACIONAL»
Rua do Almada, 131
PORTO
(Diarias de: 22, 25 e 30 escudos)

VASELINAS
LIQUIDAS E FILANTES
Sonap
SOC. NAC. DE PETROLEOS
R. Terreiro do Trigo, 52 LISBOA

NOTICIAS DO BRASIL

Medidas contra os boateiros

RIO DE JANEIRO, (junho).—A Chefatura da Policia distribuiu á Imprensa o seguinte comunicado:

«Dado o recrudescimento da onda de boatos, nestes ultimos dias, com caracter acentuadamente derrotista, a Chefatura de Policia, no dever de acautelar, como lhe compete, a ordem publica, resolveu aplicar rigorosamente contra os boateiros a multa de 200 mil reis que reverterá integralmente, em partes iguais, para o Sindicato dos Jornalistas e Associação Paulista de Imprensa, sem prejuizo de outros procedimentos policiais e criminais e de terem tais individuos os seus nomes e retratos divulgados. Tratando-se de funcionarios publicos, além da aplicação daquela multa, será dada imediata comunicação do facto ao sr. Interventor para efeito de demissão».

Faleceu a esposa dum capitalista português

RIO DE JANEIRO, 29.—Faleceu a esposa do conhecido capitalista português Antonio Ribeiro de Seabra.—(United Press).

Inaugurou-se a bolsa dos corretores do Rio

RIO DE JANEIRO, 29.—Inaugurou-se a Bolsa de Corretores do Rio, moldada na Bolsa dos Corretores de S. Paulo.—(United Press).

Os incendios em Londres

O fogo de ontem foi posto

LONDRES, 29.—Foi após muitos esforços que os bombeiros conseguiram debelar o grande incendio que ontem se declarou nesta cidade. Hoje brigadas de salvamento rebuscam nos destroços. Como precaução, ficaram algumas bombas no local do sinistro para o caso de se descobir novo foco. Embora ainda não se tivesse descoberto a verdadeira causa do sinistro, supõe-se que se trata dum acto de malvadez.—(Havas).

Relações economicas

entre a Italia e o Brasil

ROMA, 29. — Os jornais seguem com interesse as negociações italo-brasileiras no Rio, para regular as relações economicas entre os dois paises e mostram-se esperançados em que, a-pesar-de certas dificuldades, o Brasil aceitará a proposta da Italia para a troca de produtos italianos por materias primas brasileiras.—(Havas).

Eleições na Australia

OTTAWA, 29. — O primeiro ministro declarou na Camara que não podia indicar a data das proximas eleições gerais, em vista da gravidade da situação internacional, devendo esperar-se até o fim do verão, pelo menos, antes de falar em eleições.—(Havas).

«Palmares»
lança
um
CHAPEU
indiscutivel!
Esc.
70.00

TIPO UNICO, SENSACIONAL. UMA SÓ FINALIDADE. UM SÓ PREÇO. DURAÇÃO. MODELOS EXCLUSIVOS. LUXUOSA APRESENTAÇÃO.

UM LINDO BRINDE É OFERECIDO AOS PRIMEIROS 500 CLIENTES DO **NOVO** *PALMARES.*

CONCEDE-SE O EXCLUSIVO DE VENDA PARA VARIAS CIDADES E VILAS DO PAÍS AINDA LIVRES.

A' VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS
DE LISBOA E DO PAÍS
FABRÍCO ESPECIAL DE **PALMARES**
Rua do Ouro, 266-1.º

A agitação na Palestina

Oito arabes mortos a tiro

JERUSALEM, 29.—Oito arabes foram mortos a tiro quasi simultaneamente nas proximidades de Telaviv, esta manhã.

Julga-se que estes crimes são uma represalia dos judeus por causa da ordem dada pelas autoridades para serem restringidas as vendas aos judeus em territorio arabe.—(U. P.).

Medidas de represalias contra os judeus

JERUSALEM, 29.—As autoridades inglesas ordenaram o encerramento por 48 horas de todos os estabelecimentos judeus, no bairro de Nazaré, nos suburbios de Jerusalem. Esta medida é uma represalia contra os judeus acusados de haverem dado fuga a alguns terroristas. Foram presos 13 judeus.—(United Press).

Morreu no Brasil um português

que deixou vinte mil contos a diversas instituições de beneficencia

RIO DE JANEIRO, 29.—Ha alguns anos faleceu no Rio Grande do Sul um cidadão português de nome Felisberto de Azevedo que não tinha parentes, e, por consequencia, nenhum herdeiro, nem em Portugal nem no Brasil. Agora foi aberto o testamento e verificou-se que ele deixa uma fortuna de 20.000 contos, a diversas instituições de beneficencia atribuindo 100 contos de reis a cada uma.—(Havas).

Uma grande tempestade

assolou a Bulgaria

SOFIA, 29. — O balanço da violentissima tempestade que provocou uma enorme cheia do Rositza, na cidade de Sevlieno, acusa já 16 mortos, 50 desaparecidos, 150 casas destruidas e 50 outras com estragos de importancia e todas as pontes arrancadas.

As aguas chegaram a atingir o nivel de 12 metros, em torrente impetuosa que tudo danificou por onde passou. As colheitas perderam-se. Muito gado morreu afogado.—(Havas).

Um novo dicionario

da lingua portuguesa

RIO DE JANEIRO, (junho).—Na ultima sessão da Academia Brasileira de Letras, o academico Osvaldo Orico apresentou o primeiro fasciculo do «Grande e Novissimo Dicionario da Lingua Portuguesa» de Laudelino Freire.—(Havas).

O rei da Grecia chegou a Florença

FLORENÇA, 29. — Chegou o rei Jorge II da Grecia.—(Havas).

SCHLITZ
A cerveja de mais fama em todo o mundo.
Aquela que contém vitaminas D.
Peça em toda a parte cerveja em latas SCHLITZ.
Desc. Revend. T. 2 1669.

Estancia do Seixoso
REPOUSO E REGIME
Lixa-Douro

Dê graça ao seu sorriso
com KOLYNOS
Para ter dentes brilhantes, reluzentes e gengivas sadias—uma bôca limpa e fresca como uma flor—use KOLYNOS

Dentifricio eficaz, cientifico e económico.

MOBILIAS MODERNAS
PAPEIS E ETAMINES
Não comprem sem verem os nossos preços
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.
102 — RUA NOVA DO ALMADA — 104 Telef. 2 5601

MOBILIAS
A casa **J. Antunes** é a primeira em apresentar as **mobilias** e **decorações** mais modernas e de gosto artistico, de fabricação perfeita, a preços economicos
VISITEM OS SEUS ARMAZENS
para apreciarem o que de melhor se fabrica em estilos modernos e antigos **D. João V, Renascença, Holandês rico,** etc.
135 — RUA CONDE REDONDO — 137

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

O «Times» diz que Hitler e Mussolini tiveram uma conferencia

A Inglaterra indicou as condições em que negociaria um novo acôrdo naval

Suceda o que suceder, a Polonia não deseja abandonar o Baltico

PARIS, 29—O «Petit Parisien» reproduz uma informação do correspondente do «Times» em Roma, segundo a qual se declara nos circulos italianos bem informados que Mussolini teve ha dias uma entrevista com Hitler na fronteira germano-italiana.—(Havas).

Informações dum jornal suiço

BERNE, 29. — O jornal socialista «Berner Tagwacht» diz que, informações de Viena e de outros pontos do territorio austriaco assinalam a chegada ali de numerosos vagões vazios destinados ao transporte de tropas.

Esses vagões, afirma o jornal, passam a caminho de Innsbruck, Salzsburgo e Vieux e serviriam para, em caso de guerra, transportar tropas para a Italia.

O jornal em questão conclui dizendo que a população austriaca se mostra alarmada com estes preparativos.—(Havas).

AS RELAÇÕES ANGLO-ALEMÃS

A Grã-Bretanha não será obrigatoriamente arrastada para um conflito com o Reich

LONDRES, 29.—Tornaram-se hoje conhecidos os principais pontos do memorando inglês entregue ontem em Berlim, em resposta ao memorando do Reich que denunciou o acôrdo naval anglo-alemão.

O governo inglês, naquele documento, contesta os argumentos apresentados em apoio da denuncia e declara que «não é exacto que, em toda a parte onde a Alemanha puder ser arrastada para um conflito, a Grã-Bretanha deve sempre adoptar uma atitude hostil. A Inglaterra só pode ser-lhe hostil—afirma o memorando inglês—se a Alemanha cometer um acto de agressão contra outro pais e as decisões politicas a que a Alemanha parece referir-se no seu memorando, comportando as garantias da Inglaterra a outros paises, só podem ter efeito no caso dos países interessados serem atacados pela Alemanha».

A Grã-Bretanha não pretende cercar a Alemanha nem impedir o desenvolvimento deste país

O memorando inglês declara que a definição dada á politica inglesa de «politica de cêrco» não se justifica de maneira alguma e indica assim um êrro de compreensão e de interpretação das intenções britanicas, que deve ser corrigido. A encorporação de certos territorios no Reich, feita recentemente, quaisquer que tenham sido as suas causas, teve como resultado fazer crescer a ansiedade em muitos outros pontos da Europa. As decisões subsquentes do governo inglês não tiveram outra finalidade que não seja a de dissipar essa ansiedade, ajudando os pequenos paises a sentir-se mais seguros da independencia a que têm o mesmo direito que a Alemanha e a Inglaterra.

Além disso o governo inglês não tem a intenção nem o desejo de restringir o desenvolvimento do comercio alemão. Cita como exemplo o acôrdo de pagamentos anglo-alemão, tão favoravel á Alemanha como qualquer dos outros acôrdos, e acrescenta: «Seria desejo do governo inglês que se realizem novas discussões sobre as medidas apropriadas para melhorar a situação economica alemã, se isso puder fazer-se». A condição previa e essencial, porém, é a do estabelecimento duma confiança e boa vontade mutuas «preludio necessario a negociações calmas e sem ideias preconcebidas».

O acôrdo naval denunciado não consentia que o Reich tomasse a sua atitude conhecida

O memorando inglês prossegue assim:

«O desejo constante da Inglaterra tem sido o de não fazer guerra á Alemanha, mas sim o de estabelecer as relações anglo-alemãs na base do reconhecimento mutuo das necessidades dos dois paises, tendo sempre em conta os direitos das outras nações». O documento nota, mais adiante, que justamente o acôrdo naval anglo-alemão tinha por finalidade criar um elemento de estabilidade para evitar competições no campo dos armamentos.

Lembra o memorando que o acôrdo não estabelecia a denuncia senão depois de consultas entre as duas partes contratantes. As notas trocadas, então, entre sir Samuel Hoare e von Ribbentrop «mostram claramente que o acôrdo era considerado como uma contribuição para a solução do problema dos armamentos navais. Se o governo alemão—sublinha—alega agora que o acôrdo tem uma significação diversa, o governo inglês, vê-se forçado a observar que essa alegação não tem justificação nos termos do acôrdo, por muito latos e pormenorizados que eles sejam».

De resto, nas notas trocadas entre os referidos ministros as duas partes tinham claramente considerado o tratado «permanente e definitivo».

O memorando nota que as clausulas do acôrdo estipulavam que só «uma modificação violenta no equilibrio geral dos armamentos navais» poderia envolver qualquer modificação do mesmo acôrdo. Ora nem o governo alemão nega que essa situação exista de facto nem convidou o governo a examinar a situação antes de agir, conforme o acôrdo estipulava tambem.

O documento aduz mais argumentos para provar que a denuncia nunca poderia fazer-se sem consulta previa com Londres e passa a tratar largamente da terceira parte do acôrdo naval anglo-alemão, que deveria vigorar até 31 de dezembro de 1942. Diz que essa secção completava o tratado naval anglo-franco-americano que visava a evitar uma corrida de armamentos navais. «Mesmo não sendo boas as relações entre os dois paises, não parece ao governo inglês que isso seja razão bastante para o denunciar».

O governo inglês pede alguns esclarecimentos previos para poder negociar um novo acôrdo

Trata-se de um acôrdo que elimina uma concorrencia inutil e impede uma corrida de armamentos. A seguir o governo inglês declara-se disposto a encarar, de acôrdo com Berlim, a possibilidade «dum entendimento claro e categorico», segundo os proprios termos da nota germanica, em bases solidas. Observa que a nota alemã a que o memorando responde não esclarece os limites precisos que o governo alemão deve observar em materia de cruzadores e depois de varias considerações e citações o memorando diz «que o governo inglês, se a Alemanha não se considera obrigada a respeitar o limite de 35 por cento, não pode de futuro sentir-se, por seu turno, obrigado a conformar-se com as suas previsões anteriores, que devem assim considerar-se anuladas».

O memorando inglês afirma que uma nova troca de impressões ajudaria a esclarecer a situação «em mais dum ponto obscura» e diz: «Se todavia o governo alemão pensa em negociar um novo acôrdo para substituir as clausulas que acaba de denunciar, o governo inglês teria muito gosto em receber algumas indicações sobre o alcance e finalidades que o governo alemão entenda atribuir a esse novo acôrdo.

O memorando conclue dizendo: «O governo de Sua Majestade deseja principalmente saber: 1.º—Em que momento entende o governo alemão que as discussões para a conclusão dum novo acôrdo, devem realizar-se; 2.º—O governo inglês deseja saber o que o governo alemão se propõe fazer para que, no caso de ser organizado um novo acôrdo, se evite a sua denuncia apenas por decisão de uma das partes.—(Havas).

No Reich o memorando britanico foi recebido com hostilidade

BERLIM, 29—O memorando inglês, ontem entregue nesta cidade, encontrou na Alemanha muito mau acolhimento e serviu de pretexto, á Imprensa, para fazer uma nova campanha contra a Inglaterra.

Os jornais dizem que o memorando não dá uma resposta positiva ao discurso do Reichstag de 28 de abril e acusam a Inglaterra de ter feito da convenção naval de 1935 um instrumento puramente tecnico, sem reconhecer a causa da «contribuição historica» dada á Paz pela Alemanha ao assinar essa convenção. Acrescentam que, a-pesar das suas negativas, a Inglaterra continua o «cêrco».

«Não é animador o memorando inglês—diz o «Hamburger Fremdenblatt». Não fecha as portas mas não oferece um ponto de partida para conversações verdadeiramente prometedoras».

O «Deutsche Aligemeine» diz que a Inglaterra deixou escapar «a sua maior probabilidade» desde a guerra e acrescenta que o memorando não mostra boa vontade.

O «Lokal Anzeiger» diz que o memorando não pode melhorar a atmosfera e que dá a impressão de «má vontade». O serviço oficioso de Imprensa «Deutscher Dienst» qualifica o memorando de «exemplo tipico do charlatanismo inglês, realmente demasiado infantil para ser tomado a serio». —(Havas).

A QUESTÃO DE DANTZIG

A Polonia celebra com grande solenidade a Festa do Mar

GDYNIA, 29—Na praça de «Grunwald»—cujo nome recorda a grande vitoria eslava do seculo XIII contra a Ordem Teutonica—começaram esta manhã as cerimonias da «Festa do Mar». Esta festa é organizada todos os anos no dia de S. Pedro e de S. Paulo e reveste um caracter patriotico e religioso. Este ano obedece á palavra de ordem—«Não nos deixaremos afastar do Mar».

Enquanto se reuniam na praça de Grunwald as personalidades oficiais e grande multidão, começaram a aparecer quasi todas as unidades da esquadra polaca. Rodeavam a praça delegações de camponeses com seus trajos regionais, uma companhia de honra da Marinha polaca, formações da juventude e associações de preparação militar.

As cerimonias começaram por uma missa ao ar livre.

A ministro Roman fez um pequeno discurso em que declarou: «Toda a actividade que desenvolvemos á beira-mar não constitui ameaça para ninguem. Tem apenas em vista garantir o lugar que nos é devido na familia das nações e aumentar a nossa parte material e espiritual para o fundo comum da civilização». A assistencia jurou solenemente não deixar expulsar a Polonia do Baltico.

Em Varsovia, abundantemente embandeirada, tambem houve manifestações. O Presidente da Republica, Ignacio Moscicki, falou ao microfone. «Todo o interesse da Polonia—declarou—se volta para o litoral, para essa parte da nossa fronteira, tão pequena, mas tão importante, por onde passam três quartos do nosso trafego. Hoje, dia dos Santos Pedro e Paulo, patronos dos pescadores, os nossos pensamentos voltam-se para o Vistula, rei dos rios polacos, para Dantzig e para Gdninia, para os portos e aldeias de pescadores, para aqueles que trabalham no litoral e no mar.»

Fortes no ar e em terra os polacos querem ser fortes no mar

Moscicki acrescentou:

«Para aqueles que fazem a guarda para a nossa marinha este pensamento exprime alegria, o sentimento da união permanente, quotidiana, indissoluvel de todos os polacos, em volta de terra da Pomerania. A consciencia do valor do nosso litoral e nosso mar, penetra hoje nos corações e nos espiritos de todos os polacos. Quanto mais a adversidade se levanta, quanto mais hostis são as circunstancias externas, tanto mais se manifesta a nossa vontade inflexivel, pronta a suportar os maiores sacrificios para garantir a estabilidade da posição maritima do estado polaco.

Regressámos ás margens do Baltico como estado, pois que sempre ali existimos como Nação. Eis por que o nosso pensamento se volta para o passado e presta homenagem ás gerações que se agarraram persistentemente á margem do Baltico.

Vivemos num tempo em que os homens voltam á corrida dos armamentos, e em que junto ao mar aparecem perigos dum conflito. Queremos manter e assegurar a paz do Baltico, mas esta intenção impõe-nos, ao mesmo tempo, o dever de aumentar a força armada da Polonia, nos mares.

Com este fim se organizou a Festa do Mar. Fortes em terra e no ar, queremos tambem se-lo no mar para garantir o desenvolvimento constante da nossa obra maritima, para poder plenamente assegurar a posição maritima da Nação polaca.—(Havas).

Um telegrama de Smigly Rydz

VARSOVIA, 29—O marechal Smigly Rydz enviou o seguinte telegrama á Liga Maritima e Colonial polaca por ocasião do Dia do Mar, que hoje se celebra:

«Neste dia, em que toda a nação manifesta o seu poderoso amor ao mar e sublinha a importancia daquele facto em relação ao futuro da Polonia, envio a essa liga os meus mais sinceros votos pelo seu maior desenvolvimento».—(Havas).

A maior colecção de aparelhos fotograficos

Trabalhos para amadores

GARCEZ, L.DA

CHIADO

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE.*

Ex.mas Senhoras

Peçam ao vosso Cabeleireiro que vos faça a Permanente com Oléos sem amoniaco. E' um pouco mais caro, mas não vos seca os cabelos. No caso de não terem êsse produto, vão ao cabeleireiro

PESSÔA-Rua Garrett, 29, e terá Permanentes de 50$00 a 80$00 Telefone 2 7383

IMPERIUM SALÃO CHÁ

LANCHES BANQUETES ALMOÇOS JANTARES

Rua S. Justa 1.º T. 2 7527

OS RECEPTORES PREFERIDOS PARA OS APOSENTOS DE S.as EX.as OS SENHORES **PRESIDENTE DA REPUBLICA E MINISTRO DAS COLONIAS** A BORDO DO PAQUETE «COLONIAL», SAO DA FAMOSA MARCA

Supersom

RUA DA CONCEIÇÃO, 35, 1.º

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

«São assim as mulheres!». Boas, más, romanticas, amorosas, caprichosas, inquietantes, frivolas, gastadoras, humildes e resignadas—em fim toda a gama da sensibilidade, de sentimento e do caracter.

Carole Lombard vai defende-las, apresentar um exemplo tipico, que é uma deliciosa comedia cinematografica.

«São assim as mulheres» é aguardada com impaciencia, não só pelo nome da sua heroina, uma das belezas estonteantes de Hollywood, mas ainda pelo entrecho, que nos afirmam ser irresistivel. Brevemente, o filme será estreiado no Tivoli.

Atrás do reposteiro

A noticia de hoje foi a adjudicação do Maria Vitoria ao empresario Antonio de Macedo. A primeira peça será a revista «Na ponta da unha», em 2 actos, firmada por quatro escritores que desde ha tempos não trabalhavam juntos. Os ensaios começam na segunda-feira. A musica é dos maestros Raul Portela e Fernando de Carvalho.

— A «vedeta» Corina Freire vai interpretar no Apolo, na nova revista «O mar tambem tem amantes...» um numero de fantasia intitulado «A varanda dos rouxinois».

— O governo brasileiro estuda a possibilidade da vinda a Portugal, por ocasião das festas do Duplo Centenario, da artista brasileira Carmen Miranda, actualmente na America do Norte. Juntamente com esta artista devem vir a Portugal os compositores Hekel Tavares e Vilabobos. Este ultimo dirigirá uma grande orquestra sinfonica.

— Durante a «tournée» da companhia Adelina-Aura Abranches completar-se-ão os ensaios da comedia «D. Rosa Galinheira» e duma peça original d'um consagrado escritor, sobre um assunto de grande actualidade.

— Chegou ao Rio de Janeiro o artista Zé Manuel o («Rei do Cavaquinho»), que está já a trabalhar no teatro Republica, com a companhia de Beatriz Costa.

— Possa amanhã o aniversario natalicio do empresario Antonio de Macedo, a quem os artistas seus contratados vão prestar homenagem.

— Consta que vai sofrer alteração a vigencia dos contratos dos artistas teatrais, principalmente sobre a sua remuneração, terminado o primeiro mês de trabalho.

— O teatro do Casino de S. Martinho do Porto, foi concedido a um grupo de banhistas daquela praia, para a realização de espectaculos ligeiros.

— Experimentaram ontem bastantes melhoras os actores Vasco Sant'Ana e José Gambôa, ambos vitimas de desastres.

— A vistoria oficial condenou o funcionamento do antigo teatro Taborda, na Costa do Castelo, até que lhe sejam feitas as obras indispensaveis.

— Ficou ontem completamente constituido o elenco da companhia Maria Matos, com a composição com que vai realizar a sua «tournée» ao Brasil.

— A Inspecção Geral dos Espectaculos está a julgar os factos que se criaram á volta da ultima exploração do Apolo pela sociedade «Artistas Unidos».

«Faustino, Limitada», no Avenida

Efectua-se amanhã, no Avenida, a inauguração da época de verão pela Companhia Teatral Portuguesa. Representa-se a comedia em 3 actos, para espectaculos de alegria e de comicidade, Faustino, Limitada, *cujos principais papeis terão como interpretes, todos os elementos desta companhia, figurando á sua frente os grandes artistas Palmira Bastos e Assis Pacheco.*

Só hoje e amanhã no Coliseu

Hoje e amanhã no Coliseu: duas unicas noites para ver o colossal filme de aventuras, em 25 partes: «O Fantasma da Mascara Negra», com lances de valentia e de audacia que entusiasmam todo o publico. Aproveitem a noite de hoje para admirar o empolgante enredo desta obra excepcional. Preço de verão, mais barato que nunca. Sabado, domingo, em «matinée» e á noite: «Dick Tracy, o Perseguidor».

POLITEAMA Telef. 2 6305
HOJE, ás 21,45
REAPARIÇÃO DA CELEBRE FARSA ALEMÃ
«OS ANJINHOS»
formidavel exito da companhia Maria Matos
Novos Preços Popularissimos

Um filme de propaganda dos centenarios

Augusto Fraga e Aquilino Mendes, no momento da partida para o Norte, onde vão começar o filme da propaganda das festas nacionais de 1940

A Comissão Executiva dos Centenarios vai editar, pela sua secção de Propaganda e Recepção, que funciona no S. P. N., uma pelicula cinematografica de propaganda das festas nacionais de 1940. Será um filme de curta metragem, sonorizado, de que se farão varias versões em português, francês, inglês e alemão.

A realização desta pelicula foi confiada ao nosso colega na Imprensa e director do «Cinefilo», Augusto Fraga, que tem como operador Aquilino Mendes, um dos nossos tecnicos cinematograficos mais competentes. Estes dois cineastas seguiram hoje, de manhã, para o Norte, a-fim de iniciarem, em Guimarães, as filmagens desta pelicula que, em breve, será apresentada nos principais cinemas de todo o mundo.

CARTAZ

TEATROS

POLITEAMA.—A's 21 e 30.—«A Aldrabona».
VARIEDADES — A's 20 e 30 e ás 23 — «Ribatejo».

CINEMAS

TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
COLISEU—A's 21.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
ROYAL—A's 21.
REX—A's 21.
PAVILHÃO PORTUGUÊS—Ás 21.

QUEDA MORTAL

Faleceu esta manhã no hospital de S. José o condutor da Carris Antonio de Carvalho, de 45 anos, residente no bairro da Mina, letra H, C., ao Calhariz de Benfica, que ontem de tarde caiu desastradamente dum electrico em frente da avenida Berna.

DESASTRE DE VIAÇÃO

Morreu hoje no hospital de S. José uma mulher cuja identidade se desconhece, que aparenta ter 40 anos de idade e que ontem foi atropelada por um electrico em Santa Apolonia

VARIEDADES Hoje: A's 8,30 e 10,45 horas
A OPERETA RIBATEJO
Protagonista: MIRITA CASIMIRO
Domingo: «Matinée» e duas sessões

PROGRAMAS DE HOJE

TIVOLI
A's 21 e 30
TELEF. 5 0595
As férias da familia Hardy
com Mickey Rooney, Lewis Stone e Cecilia Parker

CENTRAL TEL 24361
Telef. 24361 — A's 21 horas
Ao som das violas
Ruas de Nova York
Preços unicos: Dia, 2$50 - Noite, 3$00

ODEON
A's 21 e 15
Telef. 2 6283
Epoca de verão 50 0|0 de desconto
KATIA
com Danielle Darrieux

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163
O Correio de Lyon
com Pierre Blanchar

PARIS
A's 21 horas
Um Anjo no Inferno
Maravilhas de 1938
Plateia desde 1$50—Balcão 3$

REX
Telef. 2 9656
A's 21
Espectaculo da Beneficencia: Susy e a Lapia — O meu criado
Fim de festa: O miudo da Ajuda.

EDEN
A's 21 e 30
Telef. 2 0768
Sua Ex.ª o Vagabundo
com Constance Bennett, Brian Ahern, Ann Dvorak
COMPLEMENTOS VIVOS

CONDES
A's 21 e 30
Telef. 2 2523
PREÇOS POPULARES
O Estudante de Oxford
com Robert Taylor
A Irlanda em Fogo
com Gable e Myrna Loy

CAPITOLIO
Telef. 2 7493 A's 21
No Terraço e no Salão:
DIABO LOIRO
As duas feras

Pavilhão Português
Tragedia Imperial
A MASCOTE

TERRASSE
Telef. 2 9017
FALSO TESTEMUNHO
O HOMEM INVISIVEL
Plateia 2$50 — Matinée 2$

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
A furia do oiro negro

VISITE A ONIX
COMPRE O CALÇADO MAIS CONFORTAVEL
USE E ELEGANTE
RUA GARRETT, 27
Tel. 2 2271

A MUSICA

Francine Benoit na Universidade Popular Portuguesa

Francine Benoit acabou com grande sucesso o seu ciclo de três lições de musica. Demonstrou tambem nas duas ultimas lições o seu grande talento de pedagoga e como se devem explicar assuntos musicais perante um publico muito heterogéneo, a-fim de que tanto pudessem aproveitar os iniciados como os não iniciados na musica. Gostámos especialmente da simplicidade com que tratou o problema Beethoven, falando do homem Beethoven, das suas qualidades e defeitos; aquele Beethoven titanico ou sobrehumano voltou a ser um Beethoven que não ofusca um Palestrina, Bach, Mozart ou Schubert. Foi tambem nessa noite, que Francine Benoit nos revelou as suas preferencias e em que exerceu a autocritica, que notámos faltar na ultima lição. A mais bela fase da lição foi sem duvida, quando ela nos falou do seu proprio culto para com Beethoven. As quatro sonatas que ilustraram o texto foram bem escolhidas, e executadas conscienciosamente.

E' dificil de explicar numa unica lição conceitos da musica moderna; a-pesar de tudo, Francine Benoit conseguiu dar uma ideia bastante clara de alguns dos mais importantes problemas. Os seus pontos de vista, como aliás os pontos de vista de todos quantos agitam este assunto, poderiam ser discutidos «ad infinitum». Gostava, que ela não fizesse uso da palavra «atonal», porque essa palavra foi inventada pelos que não percebem as teorias modernas ou pelos que não se querem dar ao trabalho de penetrar nessa selva de combinações atonais. Musica atonal, como se tem provado tantas vezes, não existe. O proprio Busoni disse, que no espaço duma oitava se podem construir mais de cem escalas diferentes. Ha tempos empreguei essa palavra, mas fiquei convertido. Por falta de espaço não nos é possivel dar um resumo completo desta interessante lição, mas acrescentemos que a sonata de Bela Bartok ficou a ser o centro de gravidade. Em 1928 Bartok escreveu sobre a tendencia de aproveitar o piano forte como instrumento de percussão, no que foi combatido por Emil Frey. Como antigo fabricante de pianos devo dizer, que isso é um sacrilegio e contra a natureza do instrumento. Eis a razão por que condeno em parte a obra pianistica de Bartok, Prokofieff e outros. Admiro o Bartok dos quartetos, mas no piano é um barbaro. Esta sonata, da qual a admiravel pianista Maria da Graça Amado Cunha deu uma versão magnifica, não contem misterio algum, tudo é analisavel, a sua construção é clara e nitida. Trata-se duma obra logica que obedece ás regras da sonata, mas sôa sêca e desalmada, Prefiro Zoltan Kodaly, tambem hungaro e contemporaneo de Bartok. Mas «de gustibus non disputandum est».

Esperamos que Francine Benoit e as suas simpaticas colaboradoras reapareçam em breve, porque agitam o meio, o nivel é elevado e nunca acabamos de aprender. Bravo, Francine! Como toda a assistencia, aplaudimos muito.

SANTIAGO KASTNER

Academia de Amadores de Musica

No proximo sabado realiza a Academia de Amadores de Musica um concerto exclusivamente de musica portuguesa, em cujo programa figuram autores dos mais consagrados da actualidade e tambem de outros já falecidos.

A execução está confiada ás distintas pianistas, sr.as D. Maria Henriqueta Pinto Lopes e D. Maria da Graça Amado Cunha, ás professoras de canto, sr.as D. Celeste Mota e D. Olga Violante, ao distinto cantor Manuel Mergulhão, ao quinteto dirigido pelo prof. Raul de Campos e á orquestra da Academia dirigida pelo prof. Fernando Cabral.

ELECTRO LISBOA LDA Rua Augusta 248
Quere V. Ex.ª adquirir um receptor
Lorenz, Pilot, R. C. A., ou Philips?
ou candeeiros, ferros de engomar e fogões electricos a prestações?
Dirija-se a
ELECTRO-LISBOA, L.DA
248, Rua Augusta — Tel. 2 0568
Reparações em aparelhos de Radio, todas as marcas

DR. ALBINO PACHECO
R. Nova da Trindade, 9
Telf. 2 7023

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

1840-1940

Comemorando o centesimo ano da sua existencia a antiga casa de cambios e lotarias

CAMPIÃO & C.ª

vai oferecer aos seus clientes um brinde, um brinde colossal, autentico, insufismavel!

nada menos que um automovel!!!

um magnifico automovel Renault do ultimo modêlo e isto sem lhes pedir, sequer, um centavo!

Basta que continuem a adquirir lotaria no nosso estabelecimento

A todos os clientes que nos comprarem jógo nas lotarias ordinarias dêste ano daremos um cupão referente ao valor das fracções adquiridas. Uma vez reunidos cupões no valor de um bilhete, serão estes trocados por uma senha numerada, habilitando ao sorteio do automovel pela grande Lotaria do Natal.

SIMPLICISSIMO E... GRATUITO

PORTUGUESES

Habilitem-se ao sorteio do automovel que a casa

CAMPIÃO & C.ª

oferece aos seus clientes

CAMPIÃO & C.ª

Rua do Amparo, 116 — Lisboa

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE *SEMPRE FIXE.*

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

ASFALTO

FLINTKOTE

Impermeabilização e isolamento de terraços e cimento armado. Revestimento e protecção de superficies e construções metálicas, canalizações, algerozes, etc. Impermeabilização de represas, canais, tanques, poços e paredes húmidas

Distribuidores:
BETHENCOURT BROS, LTD
Rua Aurea, 132 - 138 — LISBOA

Agência no Norte:
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216—PÔRTO

HAVAS

Já viu as novas côres de Verniz Cutex para unhas Trebol — Tulipe — Cardo Borgonha — Mauve?
Foram especialmente criadas para harmonizarem com as novas côres em voga dos vestidos - e encontram-se no novo e mais compacto verniz Cutex, que dura mais dias.

CUTEX

VERNIZ PARA UNHAS

AGUAS DE ENTRE-OS-RIOS

As mais sulfurosas do país (prof. e insigne quimico Ferreira da Silva) fluoretadas, muito alcalinas e radio-activas (prof. Pereira Forjaz). Balneario, com magnificas instalações, ligado ao Grande Hotel — um dos primeiros de Portugal — por uma galeria envidraçada.

Pelas suas qualidades anti-catarrais, as mais indicadas nas bronquites e nas doenças do aparelho respiratório. Muito dessensibilizantes, são as mais aconselhadas na asma e nas doenças alergicas. Associadas a ginástica sueca, praticada em Entre-os-Rios, corrigem frequentes deformações toráxicas.

As águas de Entre-os-Rios dão ótimos resultados na hipertenção arterial, quer em banhos gazosos quer em banhos de espuma, a forma mais moderna do tratamento da hipertensão. São ainda de sucesso seguro nas flebites (prof. D. Tomaz de Melo Brayner) reumatismo, doenças da pele, sifilis, algumas enterecólites e colecistites.

Abertura em 1 de Julho. Pedidos ao Grande Hotel — Tôrre — Entre-os-Rios ou Hotel Victoria — Avenida da Liberdade — Lisboa.

Diárias desde Esc. 25$00.

Praia da Cruz Quebrada

Bilhetes a preços reduzidos no comboio electrico. 15 minutos do Cais do Sodré á Cruz Quebrada.

Todos os domingos desde 11 de junho a 8 de outubro.

Preços (Ida e volta)—Do Cais do Sodré e Santos, 2$00; de Alcantara e Belem, 1$50.

Além dos comboios do horario realizar-se-ão todos aqueles que se tornem necessarios.

SANTO AMARO DE OEIRAS

PENSAO - RESTAURANT - BAR

EDEN CASINO — **Abertura em 1 de Julho**

Recebem-se pensionistas e comensais

Nova Pensão Madeirense

Rua da Gloria, n.º 22, 1.º — Tel. 25859

Recebe comensais desde 220$00. Fornece almoços e jantares na mesa e ao domicilio.

CALDELAS

GRANDE HOTEL DA BELA VISTA

O melhor da Estancia completamente modernisado. ABERTURA A 10 DE JUNHO

AUTOMOVEIS MORRIS

CARROS DE MODELO ANTERIOR, ABSOLUTAMENTE NOVOS, VENDEM-SE COM SENSIVEL

REDUÇÃO DE PREÇOS

A. M. ALMEIDA, L.DA
39, R. da Escola Politecnica
LISBOA

TERMAS DE CALDELAS

Doenças do aparelho digestivo
SINDROMOS COLIBACILARES
10 de Junho a 10 de Outubro

Por $65 DIARIOS

Faça a compra mais útil

Uma Banheira de Ferro Fundido Esmaltado

A Fundição e Construção Mecanicas de Oeiras, Empreza que introduziu em Portugal o fabrico de Banheiras em Ferro Fundido Esmaltado chama a atenção do publico para o facto de já ter vendido até á data perto de **50.000** BANHEIRAS SEM NUNCA TER RÈESMALTADO NENHUMA

O seu preço é infimo atendendo á sua qualidade podendo ter-se banheiras desde Esc. 400$00
As banheiras em Ferro Fundido são no Estrangeiro e em Portugal as preferidas
A' venda a pronto e a prestações em Lisboa nas casas da especialidade

EXIGIR A MARCA **F. C. M.**

EMPRESA DAS AGUAS MINERO-MEDICINAIS DE CALDELAS

S. A. R. L.

SEDE EM CALDELAS

As aguas medicinais de Caldelas são indicadas pelas maiores celebridades medicas. interna e externamente, nas doenças do aparelho digestivo, especialmente na enterocolite mucomembranosa, colites, coli-baciloses, nas doenças do figado e baço.

Aguas especificas das doenças do intestino e suas consequencias

SINDROMAS COLIBACILARES

As termas estão abertas de 10 de JUNHO a 10 de OUTUBRO.

Estação de Caminho de ferro:

BRAGA

Director clinico: DR. FLORES LOUREIRO — Medico adjunto: DR. JULIO FORMIGAL

Grande Hotel da Bela Vista. Propriedade da Empresa. Abertura: 10 de Junho - Encerramento: 10 de Outubro — Conforto. Asseio inexcedivel. Agua corrente, quente e fria, em todos os quartos. Serviço de mesa com e sem dieta

Concerto por um terceto — Telefone, Capela, Garage. Barbeiro e Bilhares — DIARIAS DESDE 30$00

Correspondencia: Ao Administrador-Delegado CARLOS RIBEIRO BORGES — CALDELAS

O PORTO dia a dia

Um monumento mal acabado

O Porto tem sido infeliz com algumas das suas concepções artisticas.

Raro é o monumento da cidade que não tenha defeitos. Por isto ou por aquilo, ha sempre um senão. Alguns lá vão resistindo aos ataques de que têm sido alvo, embora de vez em quando lá apareça uma voz mais altisonante que os faz estremecer.

O monumento aos vencidos do 31 de Janeiro idealizado por um artista e acabado por um canteiro

O primeiro monumento erguido em homenagem aos Mortos da Grande Guerra foi logo crismado de «Portorrão», e passados poucos dias foi devidamente entaipado e convenientemente demolido. Este não resistiu á impetuosidade dos ataques e baqueou pelo ridiculo.

No cemiterio do Prado do Repouso, logo á entrada, foi levantado um monumento á memoria dos precursores da Republica, os vencidos de 31 de Janeiro. A inauguração deste monumento fez-se em 31 de Janeiro de 1897 (já lá vão 42 anos!), e desde essa data até 5 de outubro de 1910, o referido monumento, esculpido pelo então aluno das Belas Artes, Manuel de Carvalho Figueira, representou uma Republica esboçada, como realmente o tinha sido a acção dos que ali jaziam e que principiaram uma obra que ficou incompleta.

O celebre «Portorrão» que durante muitos anos encimou a fachada do antigo edificio da Camara Municipal do Porto

Com a implantação da Republica, surgiu a ideia de se «acabar» o lindo monumento. Infeliz ideia, que lamentavelmente logo teve nas esferas oficiais quem a achasse muito boa.

De escôpro e maço em punho, não teve qualquer canteiro ou construtor de sepulturas o menor escrupulo em desvirtuar e alterar a ideia que o moço autor concebeu, quando decerto estava já a ser roído pelo terrivel mal que o vitimou: a tuberculose.

Do lindissimo esboço saiu uma coisa horrivel que ha muito deveria ter sido demolido, por não representar já a ideia que inicialmente simbolizava.

Longe de nós, é claro, a ideia de se demolir aquele monumento sem que outro o substitua imediatamente. Mas como na nossa terra essas coisas raro se fazem como deve ser, achamos melhor talvez que se lhe não toque, pois receamos asneira. O exemplo do remate do novo edificio da Camara, ao qual muitos chamam o «quiosque do Sebastião», atemoriza-nos.

Como o Monumento aos Vencidos do 31 de Janeiro está em terreno municipal, Deus permita que se não lembrem dele...

GUILHERME DE CARVALHO

Assinaturas de verão
DO
Diario de Lisbôa

Para facilitarmos a aquisição do nosso jornal ás pessoas que vão residir para as praias, termas ou campos, abrem-se, desde já, na administração do «Diario de Lisboa», assinaturas por 10, 20 e 30 dias, mediante pagamento adiantado ou a remessa da respectiva quantia.

10 dias...	4$00
20 «	8$00
30 «	12$00

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necerk — Paris
RINS, vias urinarias — Venero — Sifilis
Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 3 9062

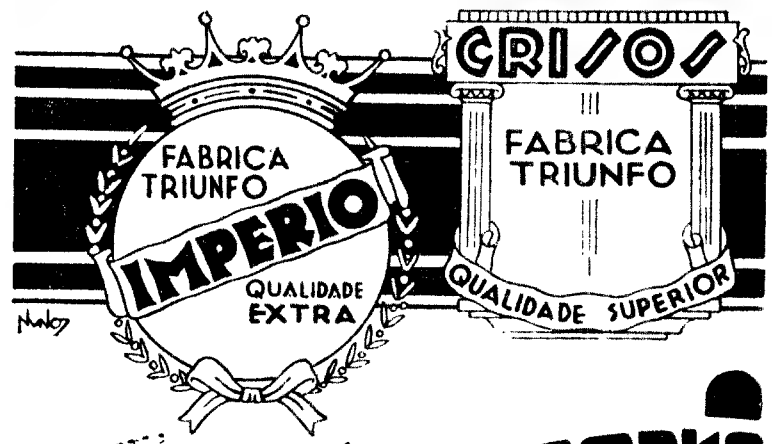
Termas de Caldelas
Cura dos doentes do intestino. Estancia de repouso e regimens, devidamente saneada
ABERTURA A 10 DE JUNHO

SINTRA
....local aprazivel
para dar um passeio
ou passar uma época

A dois passos da Vila a floresta; a uns escassos quilometros o Oceano, a Praia das Maçãs, os banhos de mar...

Frequentes e rapidos comboios entre Lisboa e Sintra. Na estação do Caminho de Ferro, carros electricos para a Vila e Praia das Maçãs e camionetas para Estoril, Ericeira, etc.

Termas de Santa Marta
Ericeira
Tratamento hidro-mineral e banhos salgados quentes.
Abertura a 10 de Julho



Não compre um chapeu qualquer!...
Procure saber o que compra...

IMPÉRIO
CRISOS
AVIZ
são marcas de inteira confiança

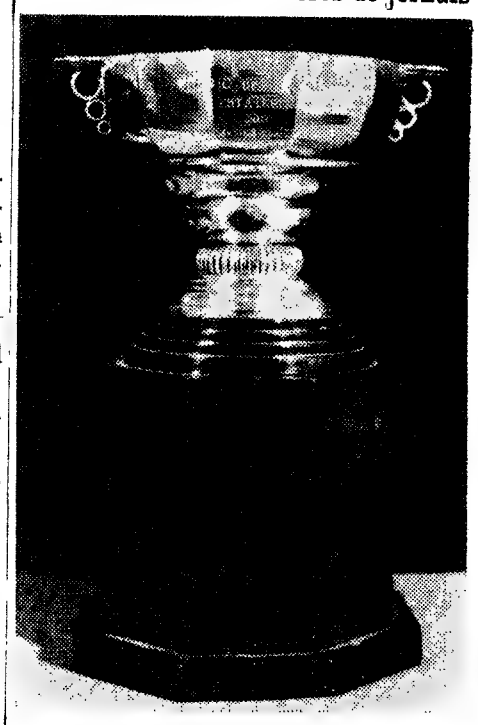
FABRICA TRIUNFO
S. JOÃO DA MADEIRA

A' VENDA NAS SEGUINTES CASAS:

A. Sampaio
José Bento da Silva
J. Mendes Loureiro, Hos.
J. Nunes Correia & C.ª, Lda.
Carneiro & Irmão, Sucr.
Casa Natal, Lda.
Manuel Grade Ribeiro
H. Branco V. Barros
J. Vidal Lopes, Lda.
Marques & Antunes
Estabelecimentos Lemos
Camisaria Confiança
Santarem
Alcobaça
Rua de Alcantara, 43 — Lisboa
Rua Augusta, 253 - Lisboa
Viana do Castelo
Rua da Palma, 6 Lisboa
Portalegre
Largo do Corpo Santo, 12 - Lisboa
Rua do Rato, 43 — Lisboa
Rua da Graça, 89 - Lisboa
Praça da Liberdade Porto
Rua Santa Catarina Porto

FESTIVAL HIPICO

a favor dos vendedores de jornais



A taça oferecida pelo «Diario de Lisboa»

Na tarde de 9 de julho realizar-se-á, no campo do «Jockey-Club», um festival organizado pela Sociedade Hipica, a favor da Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais.

Serão disputadas, em duas provas, 14 taças, sendo 7 na «Presidente da Republica» e 7 na «Imprensa de Lisboa».

Haverá duas corridas de estafetas entre os clubes de Lisboa, com duas taças, sendo ainda distribuidas três taças ás melhores «marchas» populares de Lisboa.

A inserição, tanto para as provas hipicas como para as corridas de estafetas, é gratuita.

O «Diario de Lisboa», associando-se á generosa iniciativa da Sociedade Hipica, ofereceu uma valiosa taça para ser disputada nessa festa sensacional.

A C. P. oferece-vos:

O V EXPRESSO POPULAR
em 2 de Julho
Lisboa — Santarem e volta
por 10$00
Marcação de lugar..... 2$50
Bilhetes á venda na estação do Rossio (Informações), 1.º andar — Esclarecimentos pelo telefone 2 4031.

CASINO ESTORIL
Aos sabados: Jantar á Americana
Preço: Esc. 20$00
Nos restantes dias: Jantar dançante
Preço: 12$50

Bilhetes especiais:
Todos os dias, excepto sabados e domingos **Comboio,** (2.ª cl. ida e volta) e **Jantar ou Ceia, Esc. 16$,** incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada. **TODOS OS DIAS: comboio,** (2.ª cl. ida e volta) **autocarro** da Estação ao Casino, **entrada** e um **vale** de Esc. 2$50 para consumo no Restaurante e Bars do Casino **Esc. 12$50.**
A' venda nas bilheteiras do Cais do Sodré

Todos os dias; de tarde chá dansanta excepto sabados e a noite baile e cineme **Orquestra Almeida Cruz.**

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma. 268—Lisboa

LINHA DO ESTORIL
Todas as donas de casa que, durante o verão, residam em qualquer ponto da linha Estoril-Cascais, podem ter em sua casa sem o menor incomodo, os viveres de 1.ª qualidade, e aos melhores preços, que lhes fornecerá a
DESPENSA IDEAL
da Rua da Prata, 186-188
Nos dias **5** e **16** de cada mês, esta casa fará distribuições domiciliarias em camioneta propria.
Os pedidos podem ser feitos por um simples postal ou pelo telefone 2 0450

PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA

Laboriosas experiências deram a êste produto a finura e pureza, o aroma e as benéficas qualidades que tornaram esta PASTA o preparado indispensável para as pessoas de pele sensível, sêca e delicada. Substituindo com vantagem os melhores sabonetes, a sua espuma finissima preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Refresca, branqueia e assetina, dando à epiderme uma transparência e um aveludado que a fez impor-se na série dos produtos RAINHA DA HUNGRIA, pela excelência dos seus resultados.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

TELEF. 21866—AV. DA LIBERDADE, 35—LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Atum em Azeite?!

PURO DE OLIVEIRA

Só TENORIO...

Recomendavel tambem aos debilitados

PARTEIRA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

A PINTURA ECONÓMICA

DULUX

Uma revolução na pintura!

DULUX, a pintura económica, é uma extraordinária descoberta dos químicos de du Pont e que veio estabelecer um novo processo de reduzir as despezas com a conservação.

DULUX seca ràpidamente, resiste à humidade, aos ácidos e gases corrosivos e oferece a maior resistência à acção do tempo.

DU PONT

BETHENCOURT BROS, LDA.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA
SORIA, LTD
Rua Só da Bandeira, 214-216—PORTO

HAVAS

COMO OBTIVE EXITO JUNTO DOS HOMENS

A minha beleza aumentou 50 % por um milagre dos tempos modernos

A minha pele estava meia morta—enrugada, cansada, envelhecida, embora eu fôsse ainda nova de espirito. Gostava de dansa mas ninguem me convidava para dansar. Os homens hoje procuram a mocidade. Consultei um especialista dermatologista. Disse que á minha pele faltava Biocel—substancia preciosa que conserva a pele fresca, firme e jovem. A ciencia encontrou recentemente o meio de obter o Biocel do centro das células cutaneas profundas dos animais novos. E' como o Biocel da sua propria pele. Está actualmente incorporado no Creme Tokalon, justamente nas proporções convenientes para alimentar e rejuvenescer a sua pele. Experimentei-o com resultados surpreendentes. Veja as gravuras acima. Apliquei em seguida um novo pó de arroz com «mousse de creme» contendo ingredientes especiais que têm grande afinidade com a sua pele. E' invisivel e á prova de agua. Segura-se á pele mesmo em dias chuvosos, ao tomar banhos de mar ou ao dansar em salas sôbre-aquecidas, graças á grande afinidade dele com a sua pele. Existe em novos coloridos originais e maravilhosos, controlados por uma maquina Robot de funcionamento infalivel. Esta admiravel descoberta foi adquirida por Tokalon por uma soma fabulosa. Encontra-se agora á venda sob o nome de Pó Tokalon. Eis uma proposta que Tokalon faz a todas as mulheres! Conquiste hoje mesmo o homem dos seus sonhos, ou devolver-lhe-emos o dinheiro! Esc. 4$50--8$00 e Esc. 12$00 em todas as boas lojas do ramo.

Não encontrando dirija-se á Agencia Tokalon—88—Rua da Assunção—Lisboa—que atende na volta do correio.

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 100:000.000$00

Sede — Rua do Comércio, 148 — LISBOA

Dividendo de 22$50 por acção

O pagamento deste dividendo, relativo ao 1.º semestre de 1939, cativo de impostos sôbre aplicação de capitais e das duas avenças de selo de averbamento e de sucessões e doações, Decretos n.os 4.692, 4.749, 8.719, 23.592 e Leis n.os 1.368 e 1.668, há de começar no dia 1 de Julho proximo e continuará em todos os dias uteis, das 10 ás 12 e das 13 1/2 ás 15 horas, excepto aos sabados que será das 10 ás 12 horas.

O imposto sôbre aplicação de capitais, na importancia de 2$25 por acção, incide sôbre todas as acções, quer averbadas ao **portador**, quer **nominativas** a avença de selo de averbamento, na importancia de $27, incide, sómente, nas acções **nominativas** e a avença do imposto sôbre sucessões e doações, na importancia de 1$43, unicamente nas acções averbadas ao **portador**.

Nos recibos a pagar aos srs. Accionistas figurará, apenas, a importancia liquida, pagando-se por cada acção nominativa a quantia de 19$98 e por cada acção averbada ao portador 18$82.

Recomenda-se aos srs. Accionistas, para regularidade do serviço, que mencionem os tiulos averbados ao **portador** em relações separadas das dos tiulos **nominativos**.

Lisboa, 27 de Junho de 1939.

Pelo BANCO DE PORTUGAL

Os Administradores

a) **Manuel Antonio do Casal Ribeiro de Carvalho**

a) **Fernando Ennes Ulrich**

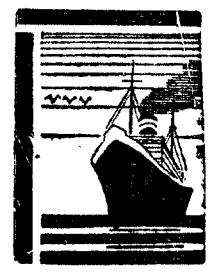
HAVAS

NA SUA PRÓXIMA VIAGEM AO PÔRTO

O pessoal do Hotel Aliança encarregar-se-á de lhe satisfazer os seus desejos, de o tratar como um principe. Comodidade, confôrto. Cozinha afamada. Preços módicos.

HOTEL ALIANÇA

Rua Sampaio Bruno, 53
Telefone 221 PÔRTO



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Saidas no mês de Julho

PAQUETE

MOUSINHO

Dia 8, pelas 12 horas, recebendo carga e passageiros para

Funchal, S. Tomé, Pointe Noire, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, com baldeação.

A carga é recebida até ás 20 horas dia 4 e desta data até ás 20 horas do dia 7, com o aumento de 20 0|0 e, neste ultimo caso, teem as ordens de embarque de ser visadas pelo Conselho de Tarifas.

VAPOR

MALANGE

Dia 15, pelas 16 horas recebendo carga para

S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes, e para os demais portos da Costa Ocidental, com baldeação.

A carga é recebida até ás 20 horas do dia 12 e desta data até ás 20 horas do dia 14, com o aumento de 20 0|0 e, neste ultimo caso, teem as ordens de embarque de ser visadas pelo Conselho de Tarifas.

Para tratar:

LISBOA—Rua do Instituto Vergilio Machado, 14

Telefone 2 0052

PORTO — Rua do Infante D. Henrique, n.º 9

Telefone 2342

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

S. Alexandre Neki, de que um recente filme russo celebra os fastos, está tão em moda na U. R. S. S., que os comissarios do povo resolveram enviar ao local, onde, segundo tradição, aquele santo e principe, ganhou uma brilhante vitoria sobre os cavaleiros teutonicos do seculo XIII, uma expedição cientifica.

E' o lago Peipous, antigamente, denominado Techoudes, que deve ser objectivo duma minuciosa investigação.

Pretende-se encontrar no fundo do lago as armas e outras impedimentas, que ali cairam, quando o gelo que cobria as aguas se rompeu, a meio do combate.

Os conservadores do Museu de Artilharia de Leninegrado mostram-se bastante cepticos.

Depois de varias reuniões, constataram que se ignorava qual o local exacto da batalha de 1242, visto que os anais de Novgorod e Pskow não são suficientemente precisos.

No entanto, as pesquizas vão ser levadas a efeito tendo-se a esperança de que serão fructuosas.

■

O ministro da Propaganda d'o Reich pronunciou, ha dias, em Dantzig, um discurso, tendente a provar as ligações culturais daquela cidade com a comunidade alemã. Citou numerosos nomes, omitindo, porém, o de Artur Schopenhauer, que ali nasceu. Não se deve tratar dum lapso involuntario.

Desde o seculo XVI que a familia Schopenhauer vivia em Dantzig. Henri Floris, pai do filosofo, saiu da cidade, quando ela foi anexada pela Prussia, depois da segunda partilha da Polonia. Artur Schopenhauer tinha,, então, cinco anos.

No seu «curriculum vitae» que se encontra nos arquivos da Universidade de Berlim, conta o que então se passou: «Quando em 1793, o rei da Prussia anexou Dantzig, meu pai que amava tanto a liberdade, como a sua cidade natal, não pôde suportar a queda da velha Republica. Foi obrigado a entregar ao fisco 10 por cento de todos os seus bens, como taxa de emigração. De sorte que eu tornei-me um «heimatlos». Desde essa data, nunca mais tive nacionalidade.

■

Está publicada a segunda edição de «Cantares e Toadas», interessante livro de quadras de Carlos Fernandes. Não é muito vulgar, entre nós, uma obra ir além da primeira tiragem. O facto demonstra como as qualidades liricas do autor foram justamente apreciadas numa das obras mais caracteristicas de sentimento popular. Edição da Livraria Popular.

O Meridiano Literario do Rio de Janeiro

Com este titulo: *O meridiano literario do Rio de Janeiro*, escrevemos, há tempos, para a *Revista do Brasil*, a convite do seu director, o historiador Octavio Tarquinio de Sousa, um breve artigo, especialmente destinado ao publico intelectual brasileiro. Parece, porém, interessar mais aos portugueses a discussão do assunto, e tanto que sôbre ele se trava uma polemica. Como ao autor destas linhas cabe uma certa responsabilidade no interesse dos leitores portugueses pela literatura brasileira; como se torna, talvez, necessario o esclarecimento do seu ponto de vista sôbre essa questão de uma possivel influencia do romance brasileiro sôbre os nossos romancistas, e sôbre o beneficio ou a desvantagem dessa influencia; como o artigo escrito para o Brasil ainda lá não foi publicado e se conserva, portanto, inédito, damo-lo ao *Diario de Lisboa*, para que dele tomem conhecimento os escritores portugueses. Foi redigido exactamente como segue:

«Há duas formas de actividade intelectual que oferecem certos perigos: o discurso e a entrevista. Nessas duas manifestações do espirito, a palavra toma, muitas vezes, a dianteira á reflexão. E embora sejam tudo quanto há de mais circunstancial, transformam-se, algumas vezes, em preocupações duradouras para quem delas se serviu. E' o que está sucedendo com o autor destas linhas.

Um jornalista português pediu, a quem isto escreve, uma entrevista sôbre essa questão do intercambio literario luso-brasileiro. E parece que o entrevistado disse, sôbre o Brasil, duas ou três coisas que surpreenderam os portugueses e os proprios brasileiros. Já uma vez o entrevistado se lembrara de falar, na Academia Brasileira de Letras, duma influencia brasileira na antiga Metropole. E parece que já dessa vez surpreendera alguns brasileiros. Agora, depois do que disse Gilberto Freyre numa das suas *Conferencias na Europa*, talvez não surpreenda tanto que se fale de uma infiltração, em Portugal, da sensibilidade brasileira. Mas o caso da entrevista é mais surpreendente, porque nela se falou de influencia intelectual e o proprio entrevistado reconhecera, perante a Academia Brasileira, que os escritores do Brasil não têm exercido grande influencia em Portugal. O que, aliás, a verdade mandava dizer em 1933.

Como se explica então que o mesmo homem de letras afirme, em 1938, que o meridiano intelectual do Rio de Janeiro passa por Lisboa e pelo Porto? Cinco escassos anos podem, por acaso, produzir uma verdadeira influencia literaria de um pais sôbre outro? Embora a lingua seja a mesma (o que não quere dizer igual), e esse facto facilitasse a influencia, não é de crer que ela se pudesse dar tão rapidamente, tendo Portugal um tão grande passado literario, sendo tão jovem a literatura de caracter brasileiro (não dizemos a literatura do Brasil), sendo tão dificil aos europeus reconhecer os valores autonomos americanos, sendo tão diferentes as figuras, os tipos, as paisagens, os ambientes, os costumes, os temas das duas literaturas e o proprio espirito de cada uma! Isso, a-pesar de tudo quanto há de comum entre brasileiros e portugueses, a-pesar da formação portuguesa, inicial, do Brasil e de quanto dela subsiste, ainda vivo e duradoiro.

E' certo que foi nestes ultimos anos, e muito rapidamente, que a literatura brasileira concluiu a conquista definitiva de um caracter nacional. Esse facto, da mais alta importancia, parece ter encontrado, aliás, no entrevistado em causa maior atenção que nos proprios brasileiros. Num longo ensaio sôbre a *Expressão Literaria do Brasil*, ainda desconhecido no Brasil, o escritor português a que um critico desse pais chamou «brasileiro de Portugal» procura demonstrar que a hora actual é a da definitiva e absoluta (senão exclusiva) nacionalização das letras brasileiras. Nacionalização conseguida, aliás, pela humanização, pela descoberta da realidade humana do Brasil. Por isso a literatura brasileira de hoje está dominada pelo romance, que é o meio de expressão mais directo da realidade humana, ou pelos estudos sociologicos de um Gilberto Freyre, sôbre as formas de cultura social, viva e humana. Por isso, já anteriormente, com o Modernismo, a poesia fôra, no Brasil, objectiva, e directamente inspirada pela terra e pelo povo.

Foi isso mesmo, essa profunda humanidade da literatura brasileira de hoje, e a sua liberdade de expressão, que, de repente, deslumbrou os portugueses. Já em 1933, num livro intitulado *Espelho do Brasil*, não porque o seu autor julgasse reflectir, ele proprio, esse pais, mas porque exactamente encarava já a literatura brasileira como um espelho das realidades nacionais e humanas do Brasil; já em 1933, o mesmo escritor português anunciava, aos seus compatriotas, que um Brasil autentico se exprimia nos autores novos e uma literatura absolutamente brasileira se estava afirmando dia a dia. Mas os romances brasileiros começaram a aparecer nas livrarias portuguesas, e, dentro em breve, impunham-se por si proprios, dispensando introdutores diplomaticos, fortes da seiva bruta que corria nas suas paginas, cheirando a humus, rudes de linguagem, um tanto barbaros, por vezes ingenuos nas aspirações que traduziam, mas quasi sempre humanos, estuantes de vida, e livres, livres de todas as disciplinas da cultura intelectual europeia, livres sobretudo!

Mas o facto de os portugueses novos lerem hoje assiduamente os romances brasileiros não basta para provar a existencia de uma influencia literaria do Brasil em Portugal. A verdade é que essa influencia não existe ainda, ou ainda não produziu os seus frutos. O que existe é um interesse muito grande pelo romance brasileiro, e uma admiração não isenta de pretensões criticas, ainda, muitas vezes, preconceituosas (filhas do preconceito intelectualista europeu e da nossa vaidade cultural).

Contudo, é possivel citar, desde já, um ou outro caso, senão de influencia directa da propria literatura brasileira, do exemplo que ela nos dá. Pode ser, de facto, que certo romancista novo sentisse como sente sem a influencia dos brasileiros. Não é menos provavel que tenha sido o exemplo dos brasileiros que o autorizou a exprimir-se como o faz, tão cruamente, com tanta violencia e tão profunda humanidade. Referimo-nos a Miguel Torga, autor de *A Criação do Mundo*, mas não porque parte do primeiro tomo dessa obra se passe no Brasil, numa fazenda de Minas Gerais. *A Selva*, de Ferreira de Castro, pode ter por cenario a Amazónia e ser um dos grandes livros que essa região do Brasil inspirou; nem por isso nela se nota qualquer influencia ou afinidade com escritores brasileiros. Ao passo que em Miguel Torga, se não ha influencia, ha uma afinidade muito grande com José Lins do Rego.

Mas não falando já de influencia, por outras razões se pode dizer, sem exagero, que o meridiano literario do Rio de Janeiro (literario, e não, genéricamente, intelectual) passa, agora, por Lisboa e pelo Porto».

JOSE' OSORIO DE OLIVEIRA

«SOUS LA COUPOLE»

ANDRE' MAUROIS
com a sua farda de academico

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Para os cantares de Junho

Meu amor, o meu desejo
é vêr-te, antes de morrer.
Ando morto por te ver
e morro se não te vejo!...

No relogio Coração,
a corda chama-se Vida.
Se a Morte lhe põe a mão,
temos a corda partida...

Bailar na roda e cantar
tu sabes tão bem, á moda,
que até fazes o teu par
andar com a cabeça á roda...

Não sei se sou moço ou velho,
se pareço bom ou ruim.
Ha muito, quebrei o espelho...
Tenho saudades de mim...

P'ra teu grande amor a arder
eu guardar bem, a teu rogo,
meu coração tem de ser
um cofre á prova de fogo...

Amor-Perfeito, flôr má,
sempre engana a quem inspira;
Amôr-Perfeito não ha;
amôr-perfeito é... mentira...

Quando bate á nossa porta
a Desgraça, é de temer
que, julgando a gente morta,
todos nos queiram bater...

Quem o beijo redobrar,
deminuirá o seu goso,
porque, tambem, no beijar
o raro é que é precioso.

Jamais no Amor eu ganhei
porque em ardis não venci...
A quem perdi já salvei;
e tudo o que achei—perdi...

Este ano, não fiz fogueira
em honra de S. João.
Bem me basta a que acendeste
dentro do meu coração...

Sou cantor do meu sonhar,
dos teus olhos sou cantor;
que eu não amo sem cantar
nem canto sem ter amor!

A' triste da abandonada
cuja morte ninguem chora
basta-lhe a campa orvalhada
pelas lágrimas da aurora.

Não usa rosas no peito
a Rosa, pois tem rancor
tanto á flôr do nome seu
como ao seu nome de flor...

Este desejo inimigo
num pesadelo senti:
Quem dera viver contigo,
p'ra vir a viver sem ti...

«Mãi»—Universo do Amor
e Sol das glorias humanas—
tão pequena e é a «maior»
das palavras lusitanas!

Incerto desejo agrava
o meu preceito de amar:
Gosto de ti, mas, gostava...
gostava... de não gostar...

A taboada do Sofrer
é coisa pouco entendida:
Um «dia a mais» no viver
é «dia a menos» de vida...

A saudade é triste flôr
que eu cultivo, em ansiedade,
ou com saudade do amor
ou com amor á saudade.

Venha dansar, lho suplico,
ó menina rica e nobre.
Em Junho, no bailarico
baila o rico e baila o pobre...

Que me importa, coração,
teu louco amor de aventura!
Ai! Se ha loucos sem paixão,
não ha paixão sem loucura!

SANTOS VIEIRA

(Do livro inédito, «*A alma das redondilhas*»).

«VIENT DE PARAITRE»

«O SIGNO DO TOIRO»

Um romance do dr. Celestino Gomes (João Carlos)

O dr. Celestino Gomes, não é, apenas, um notavel artista, de imaginação opulenta, nas suas evocações medievais, de tão fina sensibilidade (vidé João Carlos) é tambem um escritor, que, em prosa vigorosa, como neste Signo do Toiro, *sabe pintar a vida ardente das lezirias, com as suas manchas doiradas de gado, os seus campinos, quais estatuas equestres, animados de energia e de ritmo plastico, correndo a corta mato, os campos do Ribatejo. Este seu romance, que é curioso como maneira, pode considerar-se uma visão larga de vida, onde a arte e a sensibilidade se entrechocam, por vezes, com o que ha de voluptuoso e primario no homem. Oferecemos aos nossos leitores este excerto do* Signo do Toiro, *tirado ao acaso:*

A conversa declinava, e arrefecia como a tarde, era um crepusculo de palestra numa palestra de crepusculo. Lucio Ricardo esgotara tudo, passara tudo como quem folheia um album de vistas em cata duma de interesse. Já o dr. Malta trouxera, a proposito, os futuristas, os dadaistas, os sobrerealistas sem aquecer a sala. Damiana ouvia-os longe, como para além duma parede, por detrás da chapa de cristal da sua amargura, e ensaiava vingar-se. Pôs, no dialogo mole, uma frase de experimenta:

—Nada disso decide, a-final, se a arte é reprodução ou interpretação, geometria ou metafisica.

—A arte é emoção plasticisada.—acudiu Maria Sidonia.

—A arte não é emoção.—tornou Damiana, decidida.

Mas é que os artistas de todos os tempos não tiveram jamais outro fito que não fosse emocional—pôs o dr. Malta.

—E ai daquela arte que, em lugar de traduzir a emoção exacta do artista, deixa de parte a sinceridade e a espontaneidade emotiva, iludida na analise dos seus proprios meios de expressão—acrescentou o escultor.

A arte não é emoção—repetiu Damiana em desafio—. A obra plastica é um registo frio de memorias adicionadas, recentes ou antigas mas sempre lembranças. Se, como dizem James-Lang, a emoção é a consciencia dos movimentos organicos que segue uma excitação produzida por uma percepção ou uma ideia, qualquer pode receber e mobilizar essa emoção e o artista não será, portanto, um individuo sobrecomum. E se ele se dirige aos sentidos do meio ambiente através da obra de arte, seja a que titulo fôr, é que a materia de que dispõe, é apenas linguagem grafica onde, propriamente emocionante, não é mais o hieroglifo que um italico vulgar de tipografia.

—Isso é o que se pode chamar a gulodice da caustica ou do paradoxo...—comentou, já risonho, o dr. Malta.

—Talvez seja antes não contribuir para as aberrações das lentes com que é de uso deformar a vida e de que, muitas vezes, beneficiam alguns erradamente e sem razão ampliados. Suponho que não haja aqui privilegio...

—E por que não?—tornou o lavrador, quasi advogado esta vez—Antes mesmo dos remotos tempos das doze tábuas do direito romano, de Phidon de Corinto, do codigo de Sólon, desde as tribus e os clans, que ha privilegios de casta, de familia. Ao instituir um chefe, um rei, a colectividade inventa no seu proprio seio uma criatura de excepção e privilegio em quem ela mesma simbolicamente a representa. O chefe primitivo é o primeiro dos simbolos juridicos, porque reproduz todo o bando na sua forma homogenea. Na vida natural humana, alheia aos principios do direito, não aparece então a noção do privilegio? Ora já vê: por que não ha de haver o privilegio de inteligencia, tão razoavel?

—Mas, senhor doutor: o que deu o direito de casta e de comando foi a força, pois sem ela não ha autoridade. O privilegio aí é do mais forte, e só lho dão porque domina. A chamada inteligencia é, ás vezes, apenas uma alucinação colectiva dos que a supõem...

Maria Sidonia olhava, numa expressão confrangida, a mascara impassivel do escultor onde o contra-luz mais disfarçava os vincos, dizia claramente avisava-o: é comsigo... defenda-se! O olhar de Damiana era duro, a luz acendia-lhe, ao centro dos iris, dois pregos nitidos de prata como no escriba do Louvre, duas pontas de aço de florete, jogadas por esgrimista agil, cruzando-o mudas, freneticas de o trespassar como em duelo de morte. E como a indiferença do artista parecia querer apanhar a estocada a peito descoberto, descobriu o olhar de Maria Sidonia, nervoso como um mestre-de-armas pela inferioridade dum discipulo:

—Firme! Firme! Em guarda!

Distraido, encantado da imagem, Lucio Ricardo já não ouvia mais nada. Imaginava o gelado lampejo das laminas em linha ao longo dos aemeiros duma sala de armas sombria, a prancha de oleado, grenada e os olhos escuros de Damiana, como duas caraças de rêde detrás das quais uma vontade cruel procurava ansiosa, o toque do coração. Terça, quarta, ele parava e cedia como um jogador mediocre.

—Nega, então a fonte emocional da beleza? —recomeçou o dr. Malta.

—Nego a complicação na arte.

—E' uma opinião como outra qualquer...—e deu aos ombros. Que maneira esquisita de discutir! E que diabo de modo aquele com que Maria Sidonia acudia num repente:

—Ha estados de espirito que são como o sarampo: piores as complicações que a doença...

Depois, a cortar cerce como um degolador de disputas, como quem fosse electrocutar a maldade do ataque, premiu o botão da campainha que retiniu impaciente, disse para a criada, que logo surgiu no limiar:

—Pode servir o chá.

Lucio Ricardo tambem achou esquisito, embora um pouco desatento ao combate. Mas Damiana continuava no proposito, depreciava o estilo, ensaiava outro golpe qualquer, como se recusasse agora, intencionalmente, um pouco, na prancha de linóleo vermelho:

—Anda para aí um frenesim de originalidade que faz dó. E ninguem engenha coisa nenhuma. Gosta-se dum padrão de fazenda e manda-se tambem cortar daí sem mudar sequer o feitio ao figurino...

Nos olhos chispavam sempre as pontas finas dos floretes. Por vezes, noutro gesto mais lento, sumia-se na sombra uma metade do rosto e ficava luzindo o outro olho, apenas, que o artista via ampliado, dilatado como o dum atirador corteiro que busca pausadamente o ponto-de-mira dez passos, gozando a escolha do lugar no alvo onde tem a certeza de cravar a bala.

Ia responder á chamada mas cogitou: é inutil. Seguiu o ciclo da luz que morria, na tarde roxa, imaginou a manhã do dia seguinte empoada duma claridade fluida de fotografia mais da poeira clara levantada no ar pela camioneta em que partiria de novo, e isso dava-lhe a sensação antecipada e incompleta de qualquer coisa que findou. Para lá da janela vê o carcavão de áquia-pinatas e pelargónios que quadrilonga o jardim, os renques de couves-nabas da horta, í o tanque raso de agua como uma chapa de espelho que lhe faz lembrar outra agua imprecisa e longinqua; e veni-lhe á memoria, num vago entristecer de despedida, a agua escura limosa, do lago do Pincio, em Roma, num poente exageradamente côr-de-rosa, o lago do Luxemburgo na luz humida e gris da meia-tarde e no apêgo ansioso do derradeiro olhar da vespera de abalada.

O doutor insistira por que não fosse logo; e ele, numa vontade doida de aceder e ficar, negava-se e tinha pressa de partir.

Damiana, que o notou distraido, atirou desvairadamente a pior estocada:

—Qualquer bicho-careta que faz com jeito algum postal ilustrado ou um boneco de fogaça em miolo de pão mais dôce ou menos dôce, já não ha altura a que se não cuide. E, a-final, emquanto trabalham as mãos folga a cabeça...

Lucio Ricardo olhou ainda uma vez Maria Sidonia e a sua expressão de angustia deu-lhe pena. Então, como se falasse sózinho, dissertou:

—Essas talhas magnificas prodigamente cobertas de doiraduras pelas capelas sumptuosas,

CELESTINO GOMES

figuras misticas, teriam tudo a ganhar sem o oiro inutil que as veste. E' certo que o brilho facil da folha de oiro deslumbra, mas em vez do rico nervosismo de boa escultura e á conta do mordente, por baixo é tudo gêsso...

Como uma tossezinha ironica, implicante, no relogio inglês de caixa bateram, longas, as seis horas. Uma criada de avental bordado—a Ludovina—veio servir o chá os dôces, os licores que poisou, num rico tabuleiro de charão negro e oiro, na mesinha apropriada. Maria Sidonia ergueu-se, encheu as chavenas translucidas, distribuiu-as em silencio.

Fora, já no escuro, passava rente ao *monte*, em direitura á camarata, o rancho da azeitona: moças garridas nos lenços de Alcobaça cheios de flores como canteiros onde a tinta da noite esborratava as côres e o desenho, a silhueta airosa das largas ancas ondeantes, das finas cinturas inverosimeis ajustadas ao vime curvo dos cavanejos onde todo o dia arrebanhavam do chão dos olivais olhinhos de azeitonas tão pretos como os seus. Tilintavam guizeiras as mulas das carretas onde vinham as bilhas, marmitas, pucaros que chocalhavam todo o amanho da cocaria. Um harmonico plangia, plangia na sua nostalgia ardente de campina e mais ritmada da marcha, a mais dolente modinha de bailarico.

Maria Sidonia enchia, então, os finos calices de cristal loiro onde o licor era mais côr de topázio. Uma voz moça de soprano, vibrante e dramatica, acariciou a noite nessa dolorosa toada ribatejana que ia perder-se no declive do montado, além da varzea:

—«O coração de Maria
E' de vidro, vai na mão...»

Maria Sidonia tremeu de coincidencia. Mas nem por isso atentou menos na cantiga,

—«Quem se quiser vingar dele,
Deixá-lo cair ao chão...»

E a voz tornava, era ainda mais triste no ritornelo:

—Ai quem mé dera,
«Dexá-lo cair ao chão...»

Houve um estremecimento, e o calice que Maria Sidonia estendia a Damiana escapou-se-lhe das mãos, veio desfazer-se num fogo-de-bengala de estrelinhas cristalinas, no pavimento encerado. O artista sentiu desejos de sorrir mas deu-lhe pena. E foi pouco mais que isto, pouco mais, apenas.

CELESTINO GOMES

HISTORIA DE PORTUGAL

Edição Monumental comemorativa
do VIII Centenario da Fundação da Nacionalidade

Avisam-se os srs. Assinantes desta monumental obra que devem pedir antes que se esgotem, directamente á **Portucalense Editora, Ld.ª**, em **Barcelos**, as capas para os oito elegantes volumes da **Historia de Portugal.**

Milagre maior

Gostava de ser deus. (Mas o presepe
onde nascesse, queria-o colorido
em tom mais baço do que o «Outro».
Um crepe
o tornaria fôsco e diluido.)

Gostava de ser rei ou ditador
com pobre gente para governar.
Mas não queria o trono feito andor
nem queria tambores a rufar...

Ambicionei ser lagrima de chuva,
— talvez, não sendo humano, não sentisse... —
ser cereja madura ou bago de uva,
ser remedio amargoso ou gulodice.

Já quis ser tudo aquilo que não sou
nem são os meus vizinhos de defronte:
Ser muito novo — e já sentir-me Avô;
ser duro e sêco — num rumor de fonte.

.....

Mas antes queria que o Senhor do Céu
me fizesse um milagre expresso assim:
Que a vida me tornasse tal-qual EU,
podendo EU ser, tal-qual, igual a MIM.

RODRIGO DE MELO

(Do livro «CIRIOS» em preparação).

OS NOSSOS CONTOS

O homem que se esqueceu de amar

por Eugenio Vieira

Sentado no seu terraço á mourisca, os cabelos grisalhos a emmoldurarem-lhe a fronte, o olhar absorto nos longes, João Dorel, candidamente, sorria.

Sorria com essa ventura das almas sossegadas a quem, em toda uma vida de descuido, nunca fôra ennevoado o brilho.

Tinha quarenta e cinco anos, uma saude modelar, uma consciencia tranquila e uma fortuna solida. Que mais poderia exigir da vida? Atravessára esta satisfazendo todos os seus apetites e caprichos, sem um pesar no coração, sem uma magoa, sem uma verdadeira dôr.

Filho unico dum proprietario riquissimo, Dorel perdera o pai na idade em que as grandes dôres morais quasi não se sentem, ou, pelo menos, passam como um mero incidente de desfecho inesperado. Mãi, já a não conhecera. Um velho tio-avô o tinha educado, e, semelhante a um tronco ressequido a que já falta a seiva e a hera não se enlaça, morrera um dia, sem que tambem um tal acontecimento pungisse de dôr aquele sobrinho pouco afecto.

De modo que, João Dorel era um feliz mortal. Assim como o estomago lhe estava regulado na melhor satisfação dos apetites, assim o espirito lhe era calmo e sem paixão.

Temperamento especial, prendendo-se de continuo ao fio positivo que o conduzia na vida, vez alguma o coração lhe tinha palpitado em anseio por outro coração. Não tinha sentido, enfim, o que se chama o amor. Era o caso de dizer: que se esquecera de amar.

Não que o seu coração não houvesse sido disputado, bastas vezes, por muitas pretendentes, que lhe tinham em almejo a fortuna na individualização do amor, mas, aquela alma virgem de emoções fortes, lado a lado de tais aspirações por parte de tantas admiradoras, nem sequer lhe percebera as intenções.

E agora, como sempre, João Dorel, contemplando, numa grande absorção, os longes do oceano, nem sentia a sua consciencia de leve que ela era, expressa num olhar limpido, não embaciado de cuidados, embevecido em sonho muito ao longe, na imensidade das aguas e do ceu...

Era por uma tarde serena, das de verão, em que o sol, depois de declinar no horizonte, deixa no espaço um esfumado indefinido em que o azul pouco a pouco se lança, se firma e se engrandece... As arvores, paradas, como espectantes, suportam então o espaço nos seus braços, como quem tenta abraçar os misterios do infinito, e a vida corre num saudoso descuido, deslizando no sonho.

.....

Um mavioso cantar soou de repente, das bandas dum pequeno jardim contiguo á casa de Dorel. O estilo era uma dessas toadas provincianas em que a voz familiarmente se insinua, num colear de frescura que nos penetra o ser, indo revolve-lo, escarafuncha-lo nos seus mais fundos reconditos, ás vezes até a nosso pesar...

João Dorel não conseguiu ficar alheio áquele acariciamento de sons que a principio lhe roçavam indiferentemente o ouvido.

Os versos eram uns singelos cantares, nem bem populares, nem bem intelectivos. Diziam assim:

Amor... Que é isto de amor?
Uma luz que vem do Ceu;
talvez perfume de flor
que em espinho floresceu.

Amor... o que és tu, amor?
Um sorriso num lamento;
uma alegria na dôr,
um gozo no sofrimento.

Eu quero amar e sofrer,
que um tal calvario seduz...
Por amor veio a morrer
o Senhor Deus numa cruz.

Calou-se a voz subitamente, e Dorel que, como empolgado a ouvia, não pôde furtar-se a olhar para o ponto de onde ela se espraiava. Deu com os olhos no rosto duma linda rapariga que, á beira dum pequeno tanque e sob um toldo de pampanos, estava batendo quaisquer peças de roupa, para as lavar.

Dorel achou tão interessante o aspecto da rapariga, que não pôde deixar de contempla-la uns momentos.

Era uma figurinha de narizinho petulante e ar ladino, com algum tanto de figura de Tanagra pelas formas dum roliço contido e a levesa do aspecto.

Dorel, sentindo-se agarrado pelo olhar daquela mocinha gentil, não pôde resistir a debruçar-se do terraço, e, sem saber porquê, soltou espontanea esta frase:

—E' capaz de repetir essas cantigas, menina?

Ela olhou-o envolventemente, córada até á raiz dos cabelos, e, baixando a cabeça, continuou batendo e esfregando a roupa, tendo uns movimentos engraçados nos braços morenos envoltos em rendas de espuma.

Dorel contemplava, todo interessado, os movimentos como que ritmicos, proprios do genero de trabalho a que a rapariga se estava entregando.

—Então, menina?—insistiu. Porque não canta? Não pode calcular como gostaria de a ouvir outra vez!

Houve um silencio. Vendo que não era atendido, propôs-se desviar os olhos do quadrinho rustico que tanto o prendia, mas, por maior que fosse o esforço para retirar-se, os pés prendiam-se-lhe ao chão como os olhos ao corpo que o atraía.

—Ganha um vestido novo, se cantar—lhe disse, e acrescentou sorridente: E ha de ser bem garrido!

Ela encarou-o entre embaraçada e trocista e esboçou um sorriso que a Dorel pareceu ingenuo.

—Garrido, senhor! Eu só gosto das côres sérias.

Dorel ficou um tanto preocupado, mas respondeu:

—Visto isso, cante, que lhe darei um vestido muito serio.

A rapariga inclinou novamente a cabeça para a sua faina e cantou baixinho, mas com certa desenvoltura:

Canta, canta, rapariga,
que uma prenda te hei de dar...
Você dá mas é uma figa...
você que quere é brincar...

E, sem olhar para Dorel, rubra como as cerejas, quasi dum pulo, transpôs o limiar da porta envidraçada que dava para o interior da casa, e desapareceu.

Dorel ficou olhando, uns momentos, para o lugar do desaparecimento, e quedou pensativo. Sentiu, pela primeira vez, o que se chama uma apreensão amorosa. Era uma especie de agastura no coração, uma como vaga instabilidade do seu *eu*, tal como se alguma cousa, que não sabia definir, lhe faltasse... Faltava, por fim, qualquer cousa ao homem que em toda a sua vida tudo julgava ter tido a-bel-prazer...

Porêm, o temperamento rebelde aos afectos, que era o de João Dorel, reagia. Segredava-lhe a consciencia um afastamento do lugar, e, a-pesar disso, demorava-se, na vaga ilusão de que a rapariga pudesse tornar para a beira do tanque. E assim passaram os instantes, os minutos, e, por fim, as horas!

Quando deu por si havia já muito que a noite se fechara, e, á luz das estrelas, fitava ainda o mesmo ponto...

A ilusão é um balsamo ás feridas do homem, até mesmo nas maiores incertezas, mas não é, como nada neste mundo, eterna. Lá se foi, por fim, afastando-se com dificuldade, pela beira do terraço, até recolher-se, mas não sem ter olhado umas poucas de vezes para o escuro, onde presumia o lugar deserto...

Naquela noite, João Dorel quasi não dormiu. Era-lhe cortado o sono a curtos espaços e, na penumbra do quarto, parecia-lhe, por vezes, divisar uns braços roliços e bem contornados, morenos, cobertos de rendas de espuma...

Num curto espaço de dormencia, sonhou que via a rapariga andando ao longo duma corda bamba, tendo uma maromba nas mãos, á laia dos funambulos, e que cantava numa linda voz, muito sentimental:

Eu quero amar e sofrer,
que um tal calvario seduz...
Por amor veio a morrer
o Senhor Deus numa cruz.

Despertou julgando ainda ouvir o descante. Sentiu-se aborrecido a valer, e, uma vez que dormira pessimamente, voltou-se num gesto brusco, em desespero, forçando-se a adormecer.

—Ao diabo a tal rapariga!—resmuncou estremunhado, e, naquele desabafo, vencido pelo cansaço, adormeceu.

Quando despertou, dava-lhe o sol nos olhos. Pôs-se a pé, de salto, como no receio de ser apanhado por algum sonho traiçoeiro, mas, por mais que fizesse, sonhava acordado, pois tinha sempre ante o olhar o vulto da bonita rapariga, em imagem como saltitante e vaporosa.

Ao almoço, pouco comeu. Embrulhava-se-lhe a mastigação; tudo lhe amargava; sentia os membros lassos, e o olhar, como parado, via mais interiormente, mais dentro da alma do que no aspecto das cousas...

A' tarde, Dorel subiu ao terraço, e tudo era fitar o lugar onde na vespera vira a fresca rapariga, porém, com amarga desolação, toda a tarde, até noite fechada, não viu mais do que o lugar deserto! Julgou, por instantes, ouvir-lhe a voz, porém, a breve trecho, reflectiu que era ilusão.

Uma semana se passou naquele estado de espirito para Dorel invulgar.

Principiou a sentir-se muito quebrantado. Ao oitavo dia, conseguiu notar a presença daquela que, subitamente, se lhe tornára a dama dos seus pensamentos.

Foi á beira do tanque que novamente a viu. Demorou-se contemplando-lhe os movimentos geitis, e tudo era sorrir-lhe num gesto magoado.

Ela limitava-se a olhar a furto e a sorrir ladinamente.

Ele houve por bem dizer-lhe:

—Então, hoje não me dá o prazer do seu cantar, menina?

—Confesso que não tenho raça de vontade disso...—lhe respondeu risonha, mas dum riso já diferente e sem o acanhamento do primeiro dia.

—Pois bem. Não cante, uma vez que não lhe apetece, mas permita que lhe diga que sempre ganhará o vestido... de côr séria, está claro.

—Pois não se me dava nada de ver essa prenda...—respondeu sempre em ar alegre, e soltou uma argentina casquinhada.

—Nunca pensou em casar?—preguntou-lhe ele, sensibilizado.

—Eu? Credo! Sou ainda muito nova e não penso em noivo...

—Se quere que eu lhe arranje um...

Dorel ia completar a frase com a palavra «noivo», mas lembrou-se dos seus cabelos grisalhos, do seu todo pesado, das suas faces enrugadas, dos seus quarenta e cinco anos, e deteve a frase, emendando: «um vestido sério...»

—Eu já disse ao senhor que não desgostava de vê-lo...

—De que côr?

—Eu sei lá!.. Há tantas!...

Soltou nova risada, deu um salto parecido com o que dera no primeiro dia e sumiu-se pela casa dentro.

.....

Continuava, havia três semanas, Dorel suplicado, amarrado ao tormento daquele amor, e resolveu, duma maneira subita, acabar com aquele estado.

Chamou a sua governanta, que fôra tambem sua ama, a senhora Dorotéa, e encarregou-a duma encomenda, muito discretamente: nem mais nem menos do que de adquirir um lindo vestido de noiva!

E aquele amoroso serodio, que, durante a sua vida tudo conseguira por dinheiro, sentiu, ao mandar a primeira oferta ao objecto da sua adoração, uma especie de tremura interior, que denotava a incerteza de ser bem sucedido, mas não lhe dava margem a mais reflexão a tardia religiosidade do seu irresistivel ilusionismo...

Muito cautelosamente, Dorotéa desempenhou-se do encargo junto de Eufrazina. Assim se chamava a deidade ocasional. De longos anos industriada no modo de ser do seu *menino*, estava a velha ama absolutamente segura de que uma rapariga pobre não desperdiçaria um tão bom partido, para mais tão inesperado, e uma tal presumpção, comunicada a Dorel, teve o poder de remover qualquer escrupulo no seu acto dando-lhe a força de agir no sentido que se propusera.

Dorotéa, uma bela manhã, foi entregar a Eufrazina uma grande e bonita caixa contendo a oferenda de amor, e lá foi fascinando á rapariga quaisquer ideias que ela recebeu com sorrisos muito amaveis, toda ela aquiescente.

Para a velha Dorotéa tudo aquilo era a coisa mais natural do mundo...

Porém, no dia seguinte, a caixa era devolvida a Dorel. Este abriu-a, ainda na ilusão de encontra-la vasia. Não o estava. Continha intacto o vestido, e, sobre ele, uma carta fechada. Dorel abriu-a, trémulo, palido, desconcertado... A carta dizia simplesmente:

Senhor

Disse-lhe que gostava das côres serias. E' realmente verdade, mas a do vestido que me manda é seria de mais... Tomo a liberdade de devolver-lhe o presente, pois julgo ainda cêdo para vestir a mortalha...

Eufrazina

Cresceu, subitamente, a palidez, no rosto de Dorel. Aquele golpe, por demais terrivel, atingia-o em pleno coração... Levou a mão ao peito, cambaleou para a frente, caindo como fulminado.

Estava morto.

.....

Assim acabou, dramaticamente, o apaixonado tardio, que toda a vida passára a respeitavel distancia dos dramas do amor... Assim findou o homem que se esquecêra de amar.

EUGENIO VIEIRA

«Gente de Bem»

o novo romance de Assis Esperança

Assis Esperança é um dos mais autenticos valores da sua geração. Cultura sólida, temperamento literario do melhor quilate. Está ainda na lembrança de quantos não esquecem facilmente os valores representativos duma geração o muito que constituiram de revelação esse almiravel feixe de novelas—Diluvio—*justamente galardoado com o Premio da Imprensa, e essa outra bela afirmação de pujança literaria*—Ressurgir—*que chamou sobre Assim Esperança as atenções dos mais altos espiritos das nossas letras.*

Depois deste admiravel romance, surge, agora um outro, que é a reafirmação do sólido talento e qualidades literarias de Assis Esperança. Queremos referir-nos a Gente de Bem, *possivelmente a ultima novidade da estação, mas que, se assim fôr, marcará galhardamente o seu lugar: aparecendo no ultimo momento, ocupará sem duvida, um dos primeiros lugares...*

Quem transporta uma mensagem *não pode calar-se. Assis Esperança vem dizer-nos a sua. E que bela Mensagem! Sem abadonar totalmente as inquietações que palpitam nas suas primeiras obras, Assis Esperança enveredou corajosa e nobremente por outro caminho e produziu um romance objectivo, em que a sátira e o panfleto se dão as mãos, numa critica sem disfarce, profundamente humana.* Gente de Bem *é o espelho duma época, é o panorama social moral do após-guerra. E' muito escassa a nossa literatura, onde o conflito que enlutou o mundo e modificou toda a humanidade tenha o seu reflexo. Mas é nula, sobretudo, aquela que se debruce no que foi a luta na retaguarda, a luta dos interesses ao abrigo da metralha, o choque das ambições, a desmesurada e insaciavel fome de dinheiro, a luta em que alguns enriqueceram e a maior parte padeceu toda a gama de privações.*

Este ambiente dá-no-lo vigorosamente Assis Esperança, que sentiu a guerra, que foi testemunha da crise moral que nos legou. Ataíde e Melo, figura central de Gente de Bem, *vale e ficará como simbolo duma época. Mas embora figura central do romance, não se julgue que absorve todo o cenario. Ha no livro outras figuras perduraveis, como a de Maria Eduarda, filha de Ataíde e Melo, rebelde a uma educação que sente falsa e ameaça a sua felicidade. O ambiente familiar em que se agita, na luta contra o preconceito, a venalidade e a incompreensão, forneceu a Assis Esperança assunto para páginas verdadeiramente magistrais, das melhores que um tema tão fecundo mas tão ingrato pode proporcionar a um escritor de talento. Antonio da Silva, com o sentido da honradez até ao paroxismo; Maria Leonor, a grande vitima do casamento de conveniencia; a familia Refoios,* —*eis outras tantas personagens que fornecem ensejo a Assis Esperança para se afirmar um psicólogo e um romancista de garra.*

Numa breve nota desta natureza não é possivel dar-se uma ideia aproximada do valor do livro. Mas não se pode deixar de afirmar, com a mais plena das convicções e sem favor: estamos perante um belo romance e perante um verdadeiro Escritor. Gente de Bem *ficará como a grande afirmação desta época literaria.*

OS LIVROS DA SEMANA

ALDEIA DAS A'GUIAS
romance por GUEDES DE AMORIM

I — Um tema para cada romancista

Repetirei: uma das maiores dificuldades dos escritores portugueses que abordam o romance é saberem conciliar a personalidade e a tecnica. Escolher um tema, friamente, estudá-lo, documentar-se sôbre ele e depois pegar na pena e escrever é incompativel com o temperamento literario do português. E' certo que qualquer temperamento de artista repele este metodo: na escolha do tema já o temperamento deve estar revelado. Se fizermos o inventario dos temas de qualquer grande romancista estou certo de que havemos de encontrar entre eles uma identidade fundamental. Não só entre eles, tambem entre eles e o proprio temperamento do romancista. Confrontem-se, por exemplo, os temas de Camilo com os de Eça de Queiroz: nos daquele predominam as paixões os amores desgraçados, os conflitos entre a vontade dos pais e a inclinação das filhas; nos deste a decomposição dos costumes, a hipocrisia dos sentimentos, as falsas vitorias sociais. Quando Camilo pretendeu ser «realista», num desafio á gloria crescente do autor de *Os Maias*, que fez? Adoptou os temas de Eça de Queiroz? Não: ficou-se com os seus. Lá vêm os mesmos amores, as mesmas paixões, os mesmos conflitos. Que teria feito Eça na hipotese de querer enveredar pela rota de Camilo? Naturalmente, teria feito das paixões das suas heroinas sátiras sorridentes: tê-las-ia escolhido entre as suas conhecidas da cidade, mulheres mais capazes de amar com o cerebro e os nervos, do que com o coração. Camilo conheceu mulheres como as suas heroinas: lebremo-nos de Ana Placido. Era com mulheres de sentimentos exaltados que ele melhor se entendia. Tinha a experiencia intima dos seus desregramentos de coração. Com que mulheres privara Eça? Que especie de mulheres amara? Eça não podia ter esquecido aquela virtuosa senhora em cujos braços foi surpreendido certa noite num baile da cidade que ele havia de celebrar em *O Crime do Padre Amaro*. Eis uma das muitas adulteras que ele deve ter conhecido. Esses amores adulterinos, meio proibidos meio consentidos pela sociedade em que ele viveu, iriam servir de tema á sua obra.

Não são, pois, arbitrarios os temas dos romancistas. Nem em Portugal nem no estrangeiro. Essas celebres irmãs Brontë mostram-nos bem como o genio sabe insinuar aos romancistas os seus verdadeiros temas. Quem disse a Charlotte Brontë que o melhor tema para uma obra sua seria nem mais nem menos a sua paixão secreta pelo director do colegio onde fôra professora em Bruxelas? Daí o romance *O Professor*.

II — O estilo é uma afirmação da personalidade

Compreendo: estou farto de repetir isto. Mas o problema continua insoluvel. A dificuldade dos nossos escritores perante o romance é sempre a mesma. Não sabem *como dizer qual a sua maneira pessoal de estar no mundo sem directamente intervirem naquilo que escrevem.* Se não é de si mesmos que falam, como falar de si mesmos? Estou certo que esta interrogação lhes ocorre muitas vezes. Os mais pessoais, os mais fortes, os mais audaciosos resolvem facilmente o problema: põem-se eles no primeiro plano da obra. Se não como personagens, pelo menos como *escritores*. Dão á narrativa o tom da sua voz: impõem-se pelo estilo. E' o caso de um Raul Brandão. E' o caso de um Miguel Torga. Aqueles que não têm uma forte personalidade mas não são destituidos de imaginação psicologica e de dons proprios de narrador lá se avêm como podem. Umas vezes contam-nos coisas que conheceram, falam-nos de pessoas com quem privaram, reconstituem-nos as suas memorias e saem-se menos mal. E' pobre o estilo das suas obras? Será: mas se é discreto, se é sóbrio, se é humilde, tudo se arranja: a narração avulta com uma tal ou qual limpidez. Estamos em face de uma obra talvez mediocre, mas meritoria. Outros são os resultados quando ao escritor falta a personalidade e tudo o mais. Então vemos perante nós o caso confrangedor de um homem que teima em dar-nos a ilusão de que é um romancista. Que faz ele? Apoia-se no estilo. Aqui está um dos mais graves vicios da literatura de ficção nacional. Não nos iludamos: alguns dos homens que em Portugal têm ganho a palma de romancistas, ganharam-na seguindo este inverosimil roteiro. Não são romancistas, são fazedores de frases literarias com que enchem as paginas através das quais se arrasta uma narração andrajosa, abjecta, lastimavel.

Será preciso repetir-me? Não é o estilo uma afirmação da personalidade? Como se afirma uma personalidade? Por aquilo que escreve determinada a escrever com estas ou aquelas palavras, estas ou aquelas imagens, estes ou aqueles circunlóquios? Não, claro. A personalidade afirma-se por aquilo mesmo que a afirma: as proprias palavras que melhor dizem a sua maneira pessoal de estar no mundo. Cada homem tem a sua maneira pessoal de estar no mundo. O estilo não pode deixar de ser a expressão dessa maneira pessoal de ele estar no mundo. Isto é: o estilo nunca poderá ser uma combinação arbitraria de valores verbais. O estilo tem de ser uma selecção vocabular e sintatica determinada por uma vontade ao mesmo tempo automatica e reflexiva. Inutil vestir um belo fato a um corpo deformado: não tarda que a deformação vença os chumaços e as entretelas. No estilo quem governa é o corpo: o fato que se não cinja ao seu desenho encobre-o debalde. Toda a gente com olhos de ver verá que é um fato emprestado. E a sabedoria popular já disse: quem o alheio veste na praça o despe.

III — Um equivoco

Não tenho duvidas em acreditar que Guedes de Amorim pôs neste seu romance, *Aldeia das águias* (Editorial Minerva, Lisboa, 1939), cuidados excepcionais: deve ter sido escrito, emendado, pulido, aperfeiçoado com uma paciencia beneditina. Seriamos injustos se não reconhecessemos isso. Injustos seriamos se não reconhecessemos as boas intenções que animaram Guedes de Amorim a dedicar a esta obra tantas horas de trabalho diligente e de esfôrço consciencioso. Mas, ai de nós, como não reconhecermos tambem que êste trabalho diligente e êste esfôrço consciencioso redunderam em pura perda! Sim: nós compreendemos que Guedes de Amorim tentou escrever um romance analitico, minucioso, meticuloso, paciente. Guedes de Amorim quis tentar ver por dentro as suas personagens para nos dar delas um desenho interior. Vê-se isto na *Aldeia das águias?* Está isto realizado neste romance? Não. O que efectivamente está realizado nesta obra não é o desenho intimo das personagens: há aqui um equivoco patente. Nesta obra adivinha-se a intenção do autor, mas tal intenção não está realizada. E' na minucia, na decomposição ao retardador e na prolixidade das explicações do romancista que nós adivinhamos a intenção de Guedes de Amorim. Era seu intento, por certo, fazer obra de analise. Infelizmente, não atingiu o alvo. A minucia a que desce, a decomposição com que transige, a prolixidade em que se compraz nada nos dizem da intimidade psicologica das suas personagens. O equivoco está aqui. Em vez de analizar sentimentos, Guedes de Amorim coleccionou metáforas; em vez de decompor reações psicologicas, associou frases de estrutura retórica: toda a prolixidade com que se exprimiu acêrca das paixões dos seus herois não passa de prolixidade verbal. Isto é, procedeu de fora para dentro. Um romancista é obrigado a ser prolixo, minucioso, lento quando a sua visão da natureza humana é tão rica e luxuriante que lhe não é possivel transigir com amputações; Guedes de Amorim, pelo contrario, fez-se prolixo, minucioso, lento, para insinuar uma visão da natureza humana com uma riqueza e uma exuberancia que não tem. Quis empregar uma técnica que a sua capacidade de psicologo não comporta.

Mas isto talvez se pudesse justificar. Houve em Espanha alguns escritores—um Benjamin Jarnés ou um Gabriel Miró—que outra coisa não fizeram que substituir por imagens e filigrana verbal a verdadeira analise psicologica do romance.

Algumas das suas obras ficaram celebres. *El Convidado de Papel* ou *El humo dormido* são, pelo menos, apreciaveis modelos de prosa gongórica, A *Aldeia das águias* não se pode defender pelo estilo. Não quero afirmar sem provas. Vou transcrever um longo trecho. Espero que o leitor saiba ver, lendo-o, por onde peca a prosa de Guedes de Amorim. Creio flagrantes os seus vicios. A vida está dela ausente, o corpo da realidade ninguem o vê: tudo são roupagens pomposas escolhidas sem gôsto nem medida.

IV — O Estilo

O romancista fala-nos aqui da reacção de Eduardo Campelo, o heroi da *Aldeia das águias*, ao saber que Carminda, sua amante, foi levada pelo pai, a cujos ouvidos chegou a notícia da deshonra da filha. Eis como o romancista se exprime:

«*Desde que chegara pesava-lhe sobre os ombros e o peito uma asfixiante impaciencia. Soubera, pelo alfaiate, que Carminda partira, arrancada pelo pai, num gesto de salvação impossivel. Em seu intimo aplaudira tal resolução. O que poderia deflagrar, se as coisas se não tivessem passado assim, na sua ausencia? Não o sabia, mas previa o pior, admitindo mesmo o mais desagradavel. A rapariga, no dia em que o visse ausentar-se definitivamente, teria, de certo, uma crise de lagrimas, daria com a lingua nos dentes, revelaria o escandaloso segredo. O simples pensar em tudo isto, que já não poderia vir a suceder, satisfazia Eduardo, acariciando o seu orgulho de macho vitorioso. Considerava, todavia, que andara com enorme sorte, estando bem longe de casa durante a libertação da moçoila. E sorria-se, adivinhando a cena, tão grotesca e antiga lhe parecia, em que a autoridade paternal tomava daquelas expressões absolutas de ridiculo... Mas, mas, era vulgar o sorriso fugir-lhe, absorvido por um vivo e intimo receio, que não deixava de perseguí-lo. O Vilarinho, ao pô-lo ao corrente do que se passara, não se esquecera de lhe dizer que, encolerizado até á loucura, o velho João Cosme, ansioso de redimir a filha, jurara matá-lo. Esta ameaça trazia alvoroçado o espirito de Eduardo. As ameaças encontram sempre terreno fértil no peito dos que são timidos e se consideram herois...*».

Parece-me inutil chamar a atenção para o equivoco fundamental desta prosa. Guedes de Amorim caiu no erro de vestir a prosa de *estilo*. Sobre o corpo da narração enfiou um fato de palavras literarias e expressões *belas* segundo um conceito da arte de escrever puramente retórico. Ditas sem esta afectação de mau gosto, todas estas frases fatuas se poderiam reduzir a meia duzia de frases cheias, expressivas. Mas não. Guedes de Amorim entendeu que «encolerizado até á loucura» era muito mais forte que qualquer expressão modesta capaz de exprimir o desespero daquele pobre velho. Assente em que deveria escrever o seu romance da primeira á ultima pagina neste *estilo* precioso, afectado e não poucas vezes tão sentencioso como o do Conselheiro Acácio na descrição de Coimbra é de ver como a vida do romance abortou mesmo antes de germinar. Como havemos nós de ver um comboio partir da estaçãozinha da Rede se Guedes de Amorim lhe chama: «vertiginosa cidade ferroviaria»? Como sentir a dor de Carminda se a vemos chorar «em curva ascendente de desespero» (p. 233)? Como imaginar o sofrimento do irmão de Eduardo se no-lo mostram «levando lagrimas nos olhos e tropical indignação no peito» (p. 163)? Como havemos de vibrar com a exaltação de Eduardo se ela é uma «exaltação calafrdante» (p. 162)? Como condoer-nos da ruina crescente de Eduardo Campelo se o romancista diz que «desenvolvera-se-lhe a enfermidade economica» (p. 157)? Como havemos de ver perante nós um vendeiro se ele nos é apresentado como «proveoto vendeiro »(p. 143)? Como havemos nós de evocar uma adega cheia de pipas de vinho se o romancista lhe chama «armazem em cujo vasilhame se guardava a colheita do sumo das uvas» (p. 215)? Como sentir a embriaguês de Eduardo se o romancista nos diz que ele estava «Coberto de nova fase alcoólica...» (p. 221)?

Será preciso transcrever mais? Não está aqui bem evidente o equivico desta prosa? Um romance é sempre, quaisquer que sejam as rebuscas de frase, uma obra destinada a pôr-nos em frente de realidades. Realidades interiores? Realidades exteriores? Não importa. O que é preciso é dar ao leitor uma realidade qualquer: as palavras do romancista são meros intermediarios entre a realidade e ele leitor. Nunca, portanto, um estilo destes, cheio de eufemismos e de circunlóquios, será estilo recomendavel a um romancista. Repito: se este estilo fôsse original, belo em si mesmo, o caso seria diferente. Como quer que fosse, estariamos em frente de uma obra recomendavel pelo estilo. Mas não. O «estilo» de Guedes de Amorim, embora laborioso, é um falso estilo: lembra aqueles tabuleiros que se fazem na provincia com cintas de charutos. De longe pode parecer uma bela pintura, ao pé não passa de pedacinhos de frase colados uns aos outros, cada um com a sua côr, com o seu rótulo, com o seu arabesco.

V — A Acção

Mas ai fica o estilo. Que dizer do mais? Repetiremos com prazer que Guedes de Amorim pôs nesta obra um esforço e uma vontade de acertar que é preciso encarecer. Mas baldado esforço baldada vontade de acertar. Toda a frescura de expressão morreu: a realidade ficou soterrada sob uma aluvião de palavras. Em todo este romance ha um capitulo apenas onde ainda se ouve o estertor da realidade: é aquele em que se fala de uma caçada ás águias. E' certo nada exigir na acção romanesca a inclusão no livro de um tal capitulo. Mas já que o romancista o escreveu, há que reconhecer-lhe as virtudes. Guedes de Amorim descreve-nos essa caçada estranha como um reporter a descreveria. E' uma experiencia directa. Daqui as suas virtudes. E' certo que a mácula do verbalismo lá está: mas atenuada. A lembrança daquilo que vira conseguiu deter um tanto a mão do *estilista*. Quere dizer: onde houve uma reminiscencia qualquer, o romancista cedeu o lugar ao reporter. O reporter Guedes de Amorim é muito mais verdadeiro que o romancista Guedes de Amorim. O romance, ao contrario da reportagem, não se contenta com a descrição da realidade: exige que o romancista crie a propria realidade que descreve. Guedes de Amorim quando teve de criar realidade refugiou-se no «estilo». Substituiu a realidade por palavras. Daqui a *Aldeia das águias* debaixo do ponto de vista da verdade e da verosimilhança romanescas, ser quasi tão falsa como o seu estilo.

Mas ha uma tese nesta obra. Guedes de Amorim quis mostrar como é nefasto o apelo da urba ás almas dos que vivem nas serras. E' tão perigoso o romance de tese! Os grandes romancistas evitam-no. Em vez de teses pôem nos seus romances os seus proprios problemas. Mas quando transigem com a tese têm o cuidado de a não destruir pelas suas proprias mãos. Como quererá Guedes de Amorim provar que um medico, filho de lavradores, tentado pela gloria, não deve deixar a sua terra quando não é um medico inteligente, honesto, trabalhador o heroi que ele escolheu para demonstrar a sua tese? O seu dr. Eduardo Campelo tanto falharia na cidade como na aldeia. E' um falhado-nato. Isto é: Eduardo Campelo nas mãos de Guedes de Amorim é apenas aquilo que ele quere que ele seja. Não é um homem é um boneco. Quem o comanda não é o destino, mas as exigencias da intriga. Pois como havemos nós de aceitar Eduardo Campelo como um homem escravo do destino se na sua vida não há a mais pequena parcela de verosimilhança humana? Tentado pela cidade, vende os seus bens e parte para o Ponto. Aí monta um consultorio luxuoso. Os clientes não lhe aparecem. Gasta tudo até ao ultimo vintem. Volta á aldeia: o irmão dá-lhe a sua parte na herança. Regressa ao Ponto. Os clientes afluem. Porquê? Pela mesma razão por que antes não tinham querido saber dele. Mas agora, quando tudo parecia caminhar bem, Campelo mata a mulher do agiota que lhe emprestara dinheiro durante a primeira estadia no Porto. Porque este ódio insólito contra um homem que nunca lhe despertara grandes ódios? Porque este estupido crime? Inconsequencias psicologicas, dirão. Nada disso. Num romance, até as inconsequencias têm a sua lógica: são preparadas de antemão. Para que o gesto de Eduardo Campelo se justificasse seria preciso que o romancista nos tivesse mostrado de perto o mecanismo inconsequente da sua alma. Mas o crime dá-se sem a nossa presença. Só sabemos dele quando o medico é preso. Preso? Mas como? Um medico não pode ser preso apenas por uma vaga suspeita de assassinato na pessoa de um doente. Mas se matou, como se explica que tenha sido apenas condenado a «pagar a indemnização que o tribunal lhe arbitrara para liquidar a viuvez do agiota», como diz o romancista no seu tão pitoresco «estilo»?

O caso deste dr. Eduardo Campelo é, de facto, algo absurdo. O do alfaiate Vilarinho é um pouco mais logico. Mas pouco prova, tambem. Demais, as suas desgraças são-nos pintadas com umas tintas tão convencionalmente romanticas que perdem toda a força convincente. De regresso á aldeia, recomeça a vida humilde em que se criara. O medico não. Depois de matar a mulher do agiota, mata o pai de Carminda. Em legitima defesa? Parece que sim. Mas como era preciso reduzí-lo a um farrapo, para melhor efeito romanesco, o romancista atira-o para uma enxovia, irremediavelmente perdido. Ninguem se lembra de o defender. Nem ele proprio se lembra de que matou em legitima defesa, coisa que não sucedera no crime do Porto. Mas ainda o havemos de ver fugir do carcere. Ainda ha-de vir cumprir um designio do romancista. Era preciso acabar o quadro das suas desgraças, matando a mãi com a revelação inesperada do crime que ela ignorava. Efeito melodramatico!

Emfim: a verdade humana, o destino, os designios secretos da providencia não governam este livro. E' todo ele governado pelo desejo de fazer folhetim. Dirão: é um romance de uma acção intensa. Nada disso: é um romance que caminha com a lentidão de uma lesma. Raro assistimos aos episodios capitais da obra, que nos são revelados depois. Guedes de Amorim evita mostrar-nos os seus herois em acção. Os episodios decisivos são quasi todos escamoteados. Limita-se a resumi-los através de uma narração abreviada. Eis porque o sseus herois mudam de situação sem nós darmos por isso agem atrás da cortina. Perante nós, num primeiro plano, uma coisa se exibe, teimosa, insistente, pretenciosa—a prosa de Guedes de Amorim.

JOAO GASPAR SIMÕES